

Intervir e prevenir pela palavra: vozes de jovens institucionalizadas

Marlene do Vale Gonçalves

Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau Mestre em
Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão
Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto sob
orientação da Professora Dra. Sara Melo

Março 2016

Intervir e prevenir pela palavra: vozes de jovens institucionalizadas

Marlene do Vale Gonçalves

Relatório de estágio apresentado para a obtenção do grau Mestre em
Intervenção Social na Infância e Juventude em Risco de Exclusão
Social, pelo Instituto Superior de Serviço Social do Porto sob
orientação da Professora Dra. Sara Melo

Março 2016

Agradecimentos

Nada disto seria possível sem a ajuda, o apoio e o carinho de algumas pessoas que de diferentes formas contribuíram não só para a realização deste relatório mas principalmente para o meu crescimento enquanto pessoa e profissional.

À minha orientadora, a professora Sara Melo, pela ajuda, pelos inúmeros conselhos, pela disponibilidade e pela paciência perante os meus vários emails. A sua exigência e amizade tornaram esta tarefa um desafio bastante agradável.

Ao Instituto Madre Matilde, nomeadamente à irmã Maria José, à Madre Fátima, à minha orientadora no local a Dra. Daniela e restantes funcionárias. O meu sincero agradecimento por me receberem de braços abertos, por me ajudarem em tudo o que precisei e por me ensinarem todos os dias a ser melhor do que ontem. Obrigada pelas conversas no gabinete, pelos animados lanches quando todas se reuniam e por estarem lá nos momentos em que o nervosismo falava mais alto.

Às minhas meninas do Instituto Madre Matilde que me receberam tão bem e deixaram-me com o coração apertado no momento da despedida. Vão ser sempre as minhas meninas que vou sempre recordar com muito carinho. Este relatório é também muito vosso.

Aos meus pais, Emília e Serafim que permitiram que este sonho se tornasse realidade. Desde sempre acreditaram em mim, nas minhas capacidades e deram-me asas para voar em busca dos meus sonhos e objetivos por mais dificuldades que estes pudessem trazer. Um especial agradecimento à minha querida mãe, que é também a minha melhor amiga. Obrigada por acreditares sempre em mim mesmo quando eu não acredito, pela força, pelo “colo” de mãe, pelo amor, pela partilha de momentos bons e maus. Obrigada por estares sempre ao meu lado em todos os momentos e por seres a pessoa mais importante para mim. Esta vitória é dedicada a ti. Conseguimos!

Ao meu irmão Carlos Manuel por toda a ajuda, apoio, carinho e por estar sempre ao meu lado quando preciso. Sempre foi um irmão exemplar e sei que este momento da minha vida é também um motivo de orgulho para ele. Um agradecimento também à minha cunhada Diana que partilhou juntamente com o meu irmão de uma enorme paciência para estes meses de trabalho no relatório. Mas o principal a agradecimento a ambos é por me terem dado um enorme presente, a minha linda afilhada Lara.

À minha grande amiga Carina Braga pela amizade de tantos anos e por todo o apoio em diversas situações. A prova de que uma verdadeira amizade resiste a tudo.

À Ana Catarina Miranda que mesmo num outro país apoiou-me nos momentos mais complicados ao longo da realização deste relatório. Pela amizade, pela paciência e por mesmo ausente continuar presente.

À Joana Amaral, a minha companheira de festas. Obrigada pela amizade, companheirismo e por todos os bons momentos que passamos juntas recheados de gargalhadas e episódios únicos.

A todos os meus amigos no geral por compreenderem a minha ausência nos últimos meses.

A todas as pessoas que passaram pela minha vida nos últimos seis anos desde que entrei neste mundo do ensino superior. É impossível mencionar o nome de todos os que marcaram a minha vida de forma positiva e contribuíram para os meus sorrisos e momentos maravilhosos ao longo destes anos, no entanto eles sabem bem quem são. Foram seis anos de trabalho, de crescimento, de aprendizagem. Acima de tudo foram seis anos maravilhosos que marcaram a minha vida e em parte devo isso a todas essas pessoas que fizeram parte desta grande aventura.

RESUMO

O relatório que aqui se apresenta resulta de um estágio curricular realizado no Lar de Infância e Juventude – Instituto Madre Matilde, situado na Póvoa de Varzim. No âmbito deste estágio desenvolvemos um projeto que passa essencialmente por comprovar a importância das sessões de conversa significativa com jovens institucionalizadas.

O projeto foi aplicado tendo como população-alvo jovens institucionalizadas que vivenciaram diversas experiências negativas ao longo da sua infância. O facto de muitas destas adolescentes terem vivido o seu processo de socialização primária em ambientes desestruturados, sem a imposição de regras e por vezes a observar situações de violência física ou verbal, pode efetivamente condicionar o seu futuro.

Ao longo deste relatório são levantadas diversas questões, tais como: Quais as consequências que um histórico de violência pode acarretar para o futuro destas jovens? De que forma um grupo onde seja possível conversar livremente e exprimir as suas ideias/opiniões pode ser vantajoso para jovens institucionalizadas, não só como carácter interventivo mas também preventivo?

Com esta pesquisa pretendemos partir para uma discussão teórica acerca da importância da conversa significativa e da intervenção social, onde levamos em consideração um conjunto de condições estruturais e conjunturais de vulnerabilidade que as remetem à exclusão social.

Conclui-se neste relatório que as instituições respondem frequentemente à garantia das necessidades básicas das jovens que acolhem, mas nem sempre estão preparadas para desenvolver um trabalho de (re) construção das suas vidas por via da palavra, trabalho este que precisa acontecer de forma profunda e contínua onde a conversação contribua efetivamente para o (re) equacionamento do seu projeto de vida e de quem querem ser enquanto pessoas.

ABSTRACT

The report which is presented here is the result of a traineeship in the Home of Childhood and Youth - Instituto Madre Matilde, situated in Póvoa de Varzim. In the context of this traineeship we have developed a project which is essentially concerned to prove the importance of the sessions of meaningful conversation with young institutionalised people.

The project was applied having as target young institutionalized girls that went through negative experiences along their childhood. The fact that many of these teenagers had lived their primary socialization process in unstructured environments, without the imposition of rules and sometimes observing situations of physical or verbal violence, can effectively determine their own future.

Throughout this report there are raised several questions, such as: which are the consequences that a history of violence can lead to the future of these young people? By which way can a group, where it is possible to talk freely and express one's ideas/opinions, be advantageous for young institutionalised people, not only as a means of intervention but also as a means of prevention?

With this research we want to start a theoretical discussion about the importance of meaningful conversation and of social intervention, where we take into account a set of structural and cyclical conditions of vulnerability that lead to social exclusion.

It is concluded in this report that the institutions often respond to the guarantee of basic needs of young people who they receive, but are not always prepared to develop a work of (re)construction of the lives of these young people through the word, to say, a work that needs to happen in a profound and continuous way, where the conversation will contribute effectively to the (re) building of their life project and of who they want to be as person.

RÉSUMÉ

Le rapport présenté est le résultat d'un stage tenu à la Maison pour les Enfants et les Jeunes - Institut Madre Matilde, situé à Póvoa de Varzim. Dans ce stage, nous avons développé un projet qui consiste essentiellement à prouver l'importance des séances de conversation significative avec les jeunes institutionnalisés.

Le projet a été mis en œuvre avec une jeune population institutionnalisée qui a connu de nombreuses expériences négatives tout au long de leur enfance. Le fait que beaucoup de ces adolescents ont vécu leur processus de socialisation primaire dans des environnements déstructurés sans l'imposition de règles et où parfois ont observé des situations de violence physique ou verbale, peut effectivement conditionner leur avenir.

Tout au long de ce rapport nous avons soulevées plusieurs questions d'orientation telles que: Quelles sont les conséquences qu'une histoire de violence peut amener à l'avenir de ces jeunes? Comment un groupe ayant non seulement un caractère d'intervention, mais aussi un caractère préventif et où on peut parler librement et exprimer nos idées / opinions, peut être avantageux pour les jeunes institutionnalisées?

Avec cette recherche, nous avons l'intention de commencer une discussion théorique sur l'importance de la conversation significative et de l'intervention sociale, où l'on prend en compte un certain nombre de conditions structurelles et conjoncturelles de la vulnérabilité, qui font référence à l'exclusion sociale.

Il est conclu dans ce rapport que les institutions cherchent souvent à garantir les besoins basiques des jeunes, mais elles ne sont pas toujours prêtes à développer un travail de (re) construction de leurs vies par l'intermédiaire de la parole. Pour nous ce travail doit se produire profondément, de façon continué et structuré, où la conversation peut contribuer efficacement au (re)questionnement de leur projet de vie et de leur définition en tant que personnes.

Índice

Introdução.....	1
------------------------	----------

Capítulo I

Construção teórica do objeto de estudo

1. Enquadramento teórico

1.1. Condições estruturais de vulnerabilidade.....	6
1.2. Condições conjunturais de vulnerabilidade.....	10
1.2.1. Negligência parental.....	10
1.2.2. Violência doméstica.....	11
1.2.3. Abuso sexual.....	13
1.3. Processo de socialização fragilizado.....	14
1.3.1. O processo de socialização e a importância da conversa significativa.....	13

2. Apresentação empírica

2.1. Justificação do objeto de estudo.....	22
2.2. Objetivos.....	23
2.3. Metodologia.....	24

Capítulo II

Diagnóstico socioinstitucional

1. Caracterização geográfica.....	29
2. Espaços institucionais.....	31
3. Estrutura organizacional.....	34
4. Relações existentes no Instituto Madre Matilde.....	36
5. Importância de novas relações para a criança institucionalizada.....	37
6. Rotinas diárias praticadas pelas jovens institucionalizadas.....	38

Capítulo III

Diagnóstico Psicossocial

1. Introdução ao diagnóstico psicossocial.....	42
2. “Selena Gomez” – A sonhadora	
2.1. Dimensão familiar.....	43
2.2. Dimensão económica.....	44
2.3. Dimensão territorial.....	45
2.4. Dimensão educacional.....	46
2.5. Participação no projeto.....	47
2.6. Motivo da institucionalização - Violência doméstica.....	48
3. “Shakira” – Diamante em bruto	
3.1. Dimensão familiar.....	49
3.2. Dimensão económica.....	49
3.3. Dimensão territorial.....	50
3.4. Dimensão cultural.....	51
3.5. Participação no projeto.....	51
3.6. Motivo da institucionalização – Negligência parental e abuso sexual.....	53

Capítulo IV

Projeto de intervenção

1. Introdução ao projeto de intervenção.....	56
2. Planificação.....	57
3. Execução.....	61
2.1. “Eu digo NÃO à violência no namoro!”.....	67
2.2. Caminhada de sensibilização “Quebre o silêncio”.....	69
4. Avaliação.....	71
5. O papel do interventor social com crianças em risco.....	72

Capítulo V

1. Reflexão crítica.....	75
--------------------------	----

Bibliografia.....	79
--------------------------	-----------

Anexos

Anexo 1 – Dados de caracterização das jovens institucionalizadas.....	85
Anexo 2 – Categorias do “estado criança”.....	88
Anexo 3 – Localização geográfica do Instituto Madre Matilde.....	89
Anexo 4 – Breve contextualização teórica do Instituto Madre Matilde.....	90
Anexo 5 – Fotografias do interior da instituição.....	94
Anexo 6 – Esquema hierárquico do Instituto Madre Matilde.....	96
Anexo 7 – Propulsores.....	97
Anexo 8 – Material utilizado na sessão sobre o 25 de Abril de 1974.....	98
Anexo 9 – Guião da campanha publicitária “ <i>Diz NÃO à violência no namoro</i> ”.....	101
Anexo 10 – Sessão dinamizada pela APAV sobre a violência no namoro.....	103
Anexo 11 – Cartaz de divulgação da caminhada “ <i>Quebre o silêncio</i> ”.....	104
Anexo 12 – Fotografias da caminhada “ <i>Quebre o silêncio</i> ”.....	105
Anexo 13 - Notícia da revista TVGUIA sobre a caminhada realizada com as jovens.....	108

Introdução

A vertente mais direccionada para o trabalho com jovens em situação de risco sempre foi a que mais me interessou durante o período em que realizei a minha licenciatura em Criminologia. Todos os dias somos confrontados com uma maior regularidade com notícias que mostram uma situação de fragilidade que afeta grande parte dos jovens e crianças do nosso país, desde situações onde a violência ocorre no seio familiar o que leva muitas vezes a situações de institucionalização, como situações onde a violência é perpetuada pelos jovens nas escolas. Perceber os contornos das questões relacionadas com os jovens em risco e trabalhar neste contexto despertou de certa forma o meu interesse uma vez que acredito que haverá um melhor resultado se o problema for sinalizado e trabalhado desde cedo. De certa forma trabalhar com crianças ou jovens aumenta a nossa capacidade de acreditar e trabalhar pelo sucesso com e desse jovem.

Foi nesse sentido que tive o interesse desde logo de tentar realizar um estágio numa instituição de acolhimento de jovens, tendo selecionado para tal o Instituto Madre Matilde, na Póvoa de Varzim. Em muito contribuiu o facto de esta instituição trabalhar com jovens raparigas, foco privilegiado da minha pesquisa, por dois motivos. Em primeiro lugar, considero importante trabalhar com estes jovens que são institucionalizados uma vez que por vezes as instituições acolhedoras estão tão concentradas em garantirem condições básicas para esses jovens (alimentação; roupa; higiene) que acabam por não dar a devida atenção ao trabalho de intervenção que deve ser feito. Por outro lado, escolhi como público apenas raparigas uma vez que actualmente muito se debate as questões da igualdade de género e da violência na intimidade (sendo as mulheres a vítima sobrerrepresentada), no entanto é importante não só debater e levar o assunto até ao meios de comunicação social, mas também trabalhar essas questões com o público mais vulnerável ao tema. Nada mais apropriado do que trabalhar estas temáticas com jovens que cresceram rodeadas de situações de violência entre os progenitores o que as leva a que considerem esse tipo de comportamentos como algo normal numa relação.

Para colocar em prática o que verbalizei anteriormente, desenvolvi no decorrer do estágio no Instituto Madre Matilde um projeto que consistia em trabalhar com as jovens diferentes temáticas utilizando o diálogo como o principal ator. O relatório que

se segue é fruto desta experiência de estágio e principalmente do projeto aplicado ao longo do mesmo.

No **Capítulo I** vamos apresentar a contextualização teórica do objeto de estudo. Neste capítulo será possível encontrar uma breve abordagem às condições estruturais de vulnerabilidade, tais como a pobreza e exclusão, e em relação às condições conjunturais de vulnerabilidade, entre elas o abuso sexual e a violência doméstica. Neste capítulo vamos também falar sobre a importância da conversa significativa no processo de socialização. Para terminar fazemos uma apresentação empírica do nosso objeto de estudo, nomeadamente a justificação para o mesmo, os objetivos e a metodologia.

No **Capítulo II** apresentamos o diagnóstico socioinstitucional que realizamos de forma a conhecer o local onde seria aplicado o projeto. Apresentamos a localização geográfica e abordamos temas como a importância dos espaços institucionais e das relações criadas numa instituição.

No **Capítulo III** apresentamos os diagnósticos psicossociais que realizamos a duas jovens que foram alvo do projeto aplicado. Embora tenha sido feita uma análise às histórias de vida das jovens presentes no Instituto de forma a selecionar algumas para o projeto, resolvemos apresentar apenas detalhadamente dois casos. O diagnóstico psicossocial é efetivamente uma ferramenta importante que deve ser primeiramente utilizada antes de iniciar qualquer projeto ou trabalho interventivo com as jovens. Com este conseguimos recolher e analisar informações relacionadas com o contexto social e económico da jovem, entre outros aspetos de extrema importância.

No **Capítulo IV** apresentamos de forma detalhada o projeto que aplicamos. Neste capítulo será possível encontrar os vários processos pelos quais este projeto passou, desde a planificação inicial que acabou por sofrer alterações de forma a adaptar-se à população-alvo até à execução das tarefas realizadas. Realizamos um breve resumo dos três meses de projeto, com as várias atividades desenvolvidas onde é também possível encontrar algum do feedback que recebemos das jovens à medida que o projeto se ia desenvolvendo. De forma a terminar este capítulo consideramos de todo oportuno abordar a importância do papel do interventor social neste tipo de instituições de acolhimento de jovens em risco.

No **Capítulo V** realizamos uma reflexão crítica em jeito de conclusão onde refletimos sobre os aspetos mais importantes deste projeto, desde a importância de projetos deste cariz em instituições de acolhimento de jovens em risco, até aos aspetos positivos e negativos que resultaram da aplicação deste projeto. Neste capítulo será

igualmente possível encontrar uma reflexão mais pessoal sobre o tempo em que estive em contexto de estágio a conviver com as jovens.

Para terminar, será possível encontrar nos anexos documentos e imagens que complementam este relatório e o projeto aplicado.

Capítulo I
Construção teórica do objeto de estudo

1. Enquadramento teórico

1.1. Condições estruturais de vulnerabilidade

O relatório de estágio a que este trabalho reporta incide sobre um conjunto de jovens identificadas como estando em risco de exclusão social, e às quais foram aplicadas medidas de acolhimento e proteção¹ numa instituição. Para que seja tomada a decisão de institucionalizar um jovem pelas entidades competentes é necessário que se verifique uma elevada situação de risco para o menor. Essa situação de risco envolve geralmente condições estruturais, isto é, condições associadas ao contexto de vida do jovem e que se referem particularmente a um conjunto de ruturas com as instituições de cariz económico, social e cultural, e, condições conjunturais de vulnerabilidade, particularmente associadas a eventos da vida familiar, como negligência, abuso, violência entre outras.

Com efeito, em relação às condições estruturais de vulnerabilidade, as jovens que tive oportunidade de acompanhar revelam trajetórias de exclusão do sistema económico, vivendo em habitats desqualificados e cujas famílias apresentam algum nível de desestruturação. Neste sentido, é incontornável a reflexão em torno de dois conceitos fundamentais, nomeadamente a pobreza e exclusão social. Segundo Capucha (2005) o “*pobre*” aparece na literatura sociológica como o “*marginalizado*”, o “*estigmatizado*” e o “*isolado*”. Este indivíduo é visto como alguém a quem falta algo, nomeadamente o rendimento obtido pela via do trabalho. À luz das teorias de Oscar Lewis (1961) quando este tipo de situação se prolonga por tempo indeterminado é provável que ocorra uma situação de cultura de pobreza. Esta cultura é uma totalidade complexa, capaz de constituir esquemas de vida que passam de geração em geração. (Lewis, 1961) A cultura da pobreza resulta de um universo social e simbólico que é intensamente marcado pela instabilidade das condições de vida destes indivíduos. Estas famílias ou grupos acabam por criar comunidades isoladas da restante sociedade, mas bastante ligadas entre si. Esta separação do resto da sociedade acaba por gerar sentimentos de ódio a algumas instituições da própria sociedade. Esta situação de

¹ A medida de acolhimento em instituições está presente nos artigos 49º (noção de acolhimento em instituição); 50º (modalidades de acolhimento em instituição); 51º (lares de infância e juventude) incluídos na subsecção II “acolhimento em instituição” da secção III “medidas de colocação” do capítulo III “medidas de promoção dos direitos e de proteção” do código de direito de menores. (CDM, 2010)

resignação acaba por levar a uma contínua reprodução do estado de pobreza desses grupos.

O facto de estas pessoas estarem afastadas da restante sociedade pode em alguns casos resultar num afastamento das instituições de ensino que leva a que haja uma fraca qualificação de competências académicas e profissionais que resulta numa maior dificuldade em conseguir encontrar um emprego bem remunerado. Muitas vezes por questões de sobrevivência estes indivíduos seguem caminhos considerados desviantes. Estes indivíduos, considerados pobres, acabam por prestar serviços informalmente o que acaba por formar economias não monetárias e marginais. (Lewis, 1979) São no entanto pessoas que sentem uma enorme ambição de conseguirem integrar a sociedade e por vezes acabam por adotar práticas pouco convencionais para o conseguirem. Quando conseguem ter algum rendimento acabam por ter atitudes consumistas bastante exageradas o que resulta numa impossibilidade da criação de uma base sólida para as suas economias. Esta instabilidade material resulta também numa instabilidade emocional.

Outra das características a considerar prende-se com o desemprego, uma realidade incontestável na vida de indivíduos em situação de exclusão. Situações prolongadas de desemprego podem resultar em estados de pobreza. A pobreza não diz respeito apenas à insuficiência de recursos, mas também à privação de recursos. Inicialmente quando falamos em pobreza é logo associado a falta de alimentos, no entanto os indivíduos que se encontram em situação de pobreza não estão apenas privados de recursos alimentares, mas também de outros recursos como culturais, sociais entre outros.

Sabemos que em sociedades como a portuguesa, enquadrada no modo de vida capitalista ocidental, o trabalho ocupa uma grande parte da vida das pessoas, sendo determinante para a integração social. É o trabalho que permite a obtenção de recursos económicos que poderão posteriormente ser afetos quer ao consumo familiar, quer à poupança (na sua possibilidade), é também o trabalho o responsável pela multiplicação de relações sociais estruturadas, e é ainda responsável pela aquisição, ou reforço de recursos culturais, quanto mais não seja em termos de aprendizagens. Se atendermos ao facto de os indivíduos não estarem integrados no mercado de trabalho é quase possível afirmar-se que os indivíduos não estão integrados de todo. Essa ausência de integração cria mecanismos de dependência social, a que podemos assistir com a necessidade de sobrevivência através de políticas sociais, como será o caso do RSI em Portugal, ou, na

sua impossibilidade (por perder qualquer direito de subvenção) e/ ou na sua exiguidade, cria procura de trabalhos na orla da economia informal, com um nível de precariedade elevado, que reproduz e fortifica o ciclo da exclusão em vez de o atenuar, ou quebrar até, como já tivemos oportunidade de referir.

Atendendo à contribuição teórica de Serge Paugam (2005) existem três tipos de pobreza com diferentes características, sendo elas a pobreza integrada que ocorre quando os indivíduos estão dependentes dos produtos vindos da agricultura e de pequenas atividades comerciais, a pobreza marginal que se verifica-se quando os únicos rendimentos são obtidos através de trabalhos precários ou atividades ilegais, e por último a pobreza desqualificante que ocorre quando o indivíduo perde o seu posto de trabalho devido a falência ou deslocação da empresa.

Devido à frágil condição económica estes indivíduos acabam por residir em zonas mais pobres, com ausência de infraestruturas e equipamentos sociais, frequentemente marcadas por elevadas taxas de marginalidade.

Como tal, citamos Luís Capucha que enumera algumas situações de risco que podem efetivamente ocorrer:

“As famílias da cultura da pobreza são geralmente instáveis, existindo índices fortes de abandono dos filhos, separações e uniões sem casamento, sobrenatalidade, engravidamentos e experiências sexuais precoces, altos níveis de promiscuidade e recurso frequente ao uso da violência física na educação dos filhos.” (Capucha, 1993 p. 321)

A pobreza é uma questão bastante complexa que não se prende apenas com a falta de recursos alimentares e materiais. A situação de pobreza envolve inúmeras questões delicadas que num todo condicionam o processo de socialização dos jovens oriundos destas famílias. Estes jovens crescem já marcados pela discriminação e exclusão social.

Outro conceito bastante importante é efetivamente a exclusão social. Nas sociedades atuais, é de todo impossível falar da questão da pobreza sem claramente associá-la à exclusão social. No entanto, a exclusão social nem sempre está associada diretamente à pobreza podendo ocorrer em outros contextos. De acordo com Robert Castel, a exclusão social define-se como:

“ (...) a fase extrema do processo de «marginalização», entendido este como um percurso «descendente», ao longo do qual se verificam sucessivas ruturas na relação do indivíduo com a sociedade. Um ponto relevante desse percurso

corresponde à rutura em relação ao mercado de trabalho, a qual se traduz em desemprego (sobretudo desemprego prolongado) ” (Castel, 2007)

Durante algum tempo, a ciência tentou separar o conceito de pobreza e exclusão social, porém, assumindo-se a pobreza como multidimensional, assume-se também que o são as suas causas, tendo o conceito de exclusão social vindo realçar as características já trabalhadas nos estudos existentes sobre a pobreza. Entre autores francófonos o conceito de exclusão social tem vindo a ser reconhecido como uma realidade processual, multidimensional (económica, social e política) resultado das sucessivas ruturas dos laços sociais. Esta situação leva a que os indivíduos que se encontrem nesta situação sejam encerrados em territórios coletivos fora dos recursos e valores que dominam na sociedade.

Para Castel (1996) a criação de uma situação de instabilidade através do aumento do desemprego e das condições precárias de trabalho leva a que alguns indivíduos sigam caminhos desviantes como necessidade de sobrevivência.

A degradação do mercado de trabalho, a perda de emprego numa sociedade que vive de estatutos e a incerteza em relação ao futuro leva a um aumento do problema de desadaptação ao progresso, ao enfraquecimento da coesão social e a uma desorganização das relações sociais. (Capucha, 2005)

Estamos perante uma situação de exclusão social quando há uma ausência de laços sociais (Paugam, 1996) e a sociedade fica dividida em dois grupos, os incluídos e os excluídos. Segundo Room (1987) para não ser excluído é necessário ter um rendimento digno, um emprego, acesso à educação à saúde e habitação e igualdade de oportunidades. Tudo isto são direitos de todos os cidadãos que no entanto não estão ao alcance de todos, principalmente aos que se encontram em situação de pobreza.

Todas estas condições estruturais apresentadas, que por vezes acabam por estar ligadas entre si, levam a que o processo de socialização primário dos indivíduos, e em particular das jovens que acompanhamos, seja afetado, o que pode em alguns casos resultar na retirada destes contextos de risco para que sejam alojados em instituições de acolhimento de menores em risco.

1.2. Condições conjunturais de vulnerabilidade

Como já afirmei designamos por condições conjunturais de vulnerabilidade o conjunto de eventos ou acontecimentos que marcaram a vida das jovens e que têm na sua origem de um choque biográfico. Enumeramos entre elas a negligência, a violência e o abuso sexual. Acontecimentos como ruturas familiares litigiosas ou a morte de algum familiar muito próximo podem ser outros motivos geradores de vulnerabilidade social.

1.2.1. Negligência parental

Podemos entender em termos comuns a negligência parental como um não querer saber, um não assumir de facto um conjunto de responsabilidades relativamente aos filhos. Em termos científicos este não querer saber é entendido como “*atos de omissão*”, ou seja, omissão ou inadequação de cuidados/satisfações de necessidades básicas da criança ou jovem, inerentes ao seu desenvolvimento por parte dos seus cuidadores. (Calheiros & Garrido, 2013) De acordo com as autoras, a negligência é um dos tipos do mau trato infantil mais difícil de materializar, sendo que muitas vezes estes casos só chegam ao olhar dos profissionais em situações já muito agravadas, comprometendo a integridade física e psíquica da criança. Com efeito, são múltiplos os fatores de risco associados à negligência parental, nomeadamente a falta de recursos materiais decorrentes de uma situação de pobreza. No entanto, é importante referir que a pobreza não tem uma relação direta com a negligência e que poderá decorrer de outros fatores de risco. Assim, o adequado desempenho parental funciona como fator de proteção para as crianças que enfrentam riscos associados à pobreza. (Calheiros & Garrido, 2013)

Como exemplos concretos de negligência parental podemos enunciar a ausência de cuidados básicos de higiene, o não cumprimento de uma boa alimentação, entre outros.

1.2.2. Violência doméstica

A violência doméstica é um problema social que tem vindo a ganhar uma grande visibilidade nos últimos anos, contudo isso não significa que seja um acontecimento recente na nossa sociedade. Sempre existiram casos de violência doméstica, no entanto estes casos eram vistos como normais e aceitáveis, fazendo parte de um conjunto de normas sociais interiorizadas onde um elemento do agregado familiar, geralmente a mulher, se assumiria e era assumida como devendo submissão a outro elemento da casa (geralmente o homem). Com o avançar dos anos este problema passou a ser tipificado como crime o que levou a que muitas vítimas quebrassem o silêncio a que estiveram presas durante, em muitos casos, anos.

Na verdade, de acordo com a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), a violência doméstica é:

“Qualquer ato, omissão ou conduta que serve para infligir dor física, sexual ou mental, direta ou indiretamente, por meio de enganos, ameaças, coação ou qualquer outro meio, a qualquer mulher. Tem por objetivo e como efeito intimidá-la, puni-la, humilhá-la, ou mantê-la nos papéis estereotipados ligados ao seu sexo, ou recusar-lhe a dignidade humana, a autonomia sexual, a integridade física, mental e moral.” (APAV, 2002, s/p)

A violência doméstica pode dividir-se em violência física, psicológica, verbal e sexual, correspondendo na perspetiva da psicóloga Leonore Walker (1979) a um ciclo. Esse ciclo pode acontecer num dia, semana ou mês e é diferente para cada relação.

De seguida vamos ilustrar um esquema que retrata o ciclo da violência doméstica.

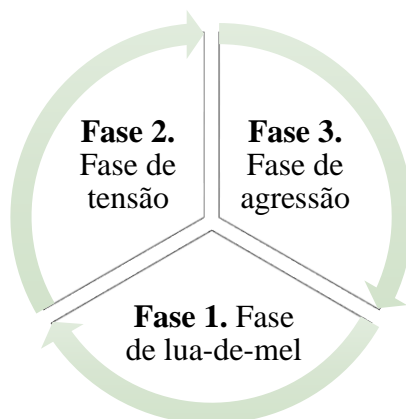


Figura 1. Ciclo da violência doméstica.

Na fase de lua-de-mel o agressor tenta ser o mais romântico possível, fazendo promessas românticas e garantindo que nunca mais volta a ter comportamentos agressivos. De seguida, na fase 2, começam a acontecer pequenos conflitos marcados por insultos e intimidações. Por fim, na fase 3, acontecem as agressões físicas graves, onde o agressor volta a dominar a vítimas.

Nem todas as vítimas conseguem libertar-se facilmente deste ciclo vicioso e acreditam que as agressões não vão voltar a acontecer. São vários os fatores que levam a essa enorme dificuldade em colocar um ponto final na relação violenta, tais como, a vergonha, o medo, a esperança de que o marido mude e o isolamento, uma vez que foram perdendo contacto com os amigos e familiares.

Atualmente a violência doméstica é considerado um crime público, ou seja, não é necessário que a queixa seja realizada pela vítima, podendo ser feita por familiares ou conhecidos. Esta problemática está tipificada como crime no código penal Português presente no artigo 152º do capítulo III que abrange os “*crimes contra a integridade física*”. (CP, 2010)

Durante muito tempo, as crianças expostas à violência doméstica eram consideradas vítimas invisíveis. Contudo a visibilidade que este problema ganhou fez com que os serviços sociais e de saúde dessem mais importância ao papel da criança nestes casos. Passou a haver uma maior consciência de que as crianças também podem ser afetadas pela violência doméstica, uma vez que atos de violência quando praticados pelo pai ou mãe possuem um maior impacto negativo para a criança. (Calheiros & Garrido, 2013) O facto de estas crianças terem sido expostas a situações de violência entre os progenitores constitui por si só uma forma de abuso emocional/psicológico, que interfere com o seu desenvolvimento global.

As crianças podem testemunhar situações de violência de diferentes formas, desde ouvirem a discussão enquanto estão no quarto, ou no dia seguinte ao observarem os resultados da violência ou quando presenciam o ato de violência propriamente dito. Com efeito, de acordo com Calheiros & Garrido (2013) a exposição à violência pode levar a que estas crianças experienciem reações emocionais de medo, mágoa e intimidação. Tendem, ainda, a exibir níveis elevados de reatividade emocional, ameaça e culpa face aos acontecimentos vivenciados. No que diz respeito aos seus comportamentos tendem a apresentar níveis de agressividade nas suas relações sociais, o que favorece a adoção de um estilo conflituoso na resolução de problemas e constitui

um fator de risco acrescido para o envolvimento em relacionamentos violentos no futuro.

No âmbito da Psicologia Social encontramos um conjunto de propostas teóricas que consideramos importantes para explicar a ligação existente entre a exposição a situações de violência e a futura manifestação de agressividade. Destacamos, neste sentido, de entre as teorias da aprendizagem social, a proposta de Bandura et al. (1961), segundo a qual crianças e adolescentes podem aprender por imitação e observação de modelos cognitivos e de condutas parentais por meio da imitação da agressão física e verbal ou pela simples repetição desses mesmos atos observados. Esses autores, ao compararem grupos expostos ou não à agressividade (por meio do grupo de controle), constataram que os índices de imitação da agressão física e verbal eram maiores para os grupos diretamente expostos aos modelos agressivos, sendo ainda mais frequentes em rapazes. Nessa perspectiva, perceberam que os meninos tendem a reproduzir mais facilmente um modelo de agressividade física, enquanto as meninas repetem mais facilmente um modelo de agressividade verbal, o que não é muito comum entre os meninos.

Assim, as consequências negativas da exposição à violência entre os pais podem traduzir-se em manifestações de desajustamento global em curto, médio ou longo prazo, perceptíveis a nível fisiológico, cognitivo e comportamental.

1.2.3. Abuso sexual

Estamos perante um caso de abuso sexual² quando existe uma exposição da vítima a uma experiência sexual inadequada. A exploração sexual com o objetivo de satisfazer o perpetrador ou terceiros são igualmente formas de abuso sexual. (Maia, 2012)

A violência sexual contra crianças é um ato criminoso cuja gravidade leva a que seja um problema social que requer uma atenção especial. Os atos de abuso sexual podem ser pontuais ou continuados praticados por um adulto tendo como vítima um menor. (APAV, 2002) Os abusadores sexuais de menores são geralmente denominados de pedófilos.

² O abuso sexual está tipificado como crime no código penal Português, estando presente nos artigos 171º (abuso sexual de crianças); 172º (abuso sexual de menores dependentes); 173º (atos sexuais com adolescentes) da secção II “crimes contra a autodeterminação sexual” do capítulo V “crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual”. (CP, 2010)

A pedofilia é um conceito usado na psiquiatria que define uma perturbação que está inserida no grupo das parafilias. (DSM-IV, 2002) Esta perturbação consiste na idealização de fantasias sexuais com menores. É considerado pedófilo aquele que colocar essas fantasias em prática. No entanto nem todos aqueles que abusam sexualmente de um menor correspondem aos critérios necessários para ser diagnosticada a perturbação acima apresentada. (APAV, 2002) O termo “pedófilo” é nos dias de hoje um conceito social e não só científico ou jurídico, o que leva a que por vezes seja usado indevidamente. Assim, podemos estar perante abusadores psiquicamente perturbados e abusadores mentalmente saudáveis. (APAV, 2002) No entanto o uso desse termo demonstra a revolta que este crime provoca na sociedade.

Os atos de abuso sexual de menores podem ocorrer em diferentes contextos, nomeadamente intrafamiliar tal como no contexto exterior à família, sendo realizado por pessoas de fora mas próximas à família.

No que se refere aos comportamentos reativos a este ato violento, algumas crianças assumem comportamentos de passividade enquanto outras reagem de forma agressiva. (APAV, 2002) São raras as vezes em que uma criança fica com marcas visíveis dessa agressão o que leva a que por vezes esse problema não seja logo detetado pelos responsáveis da criança. Os sentimentos de culpa e vergonha são frequentes em vítimas deste tipo de agressão, o que leva a que não contem o que aconteceu. Em outros casos a criança depois de algumas agressões passa a considerar essa situação como algo normal e que acontece com todas as crianças.

A longo prazo crianças vítimas de abuso sexual podem assumir variados comportamentos em consequência dessa experiência traumática, tais como, perturbações funcionais como alimentares e de sono, perturbações afetivas, comportamentos sexuais precoces e comportamentos desviantes. (APAV, 2002) É então necessário recorrer a tratamento com profissionais competentes para tentar alcançar o equilíbrio e atenuar o impacto da experiência vivenciada. (Silva, 2011)

1.3. Processo de socialização fragilizado

1.3.1. O processo de socialização e a importância da conversa significativa

Segundo a perspetiva de Peter Berger e Thomas Luckmann (2010) sobre a interiorização da realidade, para que seja possível compreender a complexidade da sociedade é necessário que as teorias que a estudam tenham em consideração que esta

depende de aspetos da realidade objetiva e subjetiva. A sociedade deve ser entendida como um processo em curso composto por três momentos, sendo eles a exteriorização, a objetivação e por último a interiorização. Tendo em atenção o fenómeno social estes três momentos não ocorrem numa sequência temporal. Sendo assim, a sociedade e as suas partes são caracterizadas pela ocorrência destes três momentos em simultâneo. Desta forma seria insuficiente analisar apenas um deles em separado. O mesmo acontece com um membro da sociedade, que exterioriza o seu ser no mundo social e em simultâneo interioriza este como realidade objetiva.

O que leva um indivíduo a tornar-se membro de uma sociedade, não é o simples fato de ter nascido no seio da mesma. *“O indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade.”* (Berger & Luckmann, 2010)

Ao longo da vida de cada pessoa existe uma sequência temporal que acaba por inseri-la na sociedade. Inicialmente ocorre o processo de interiorização, ou seja, a apreensão de um acontecimento objetivo como fazendo sentido para o indivíduo. No entanto este acontecimento não significa que cada indivíduo compreenda o outro de forma adequada, podendo em todo o caso compreender de forma errada algumas atitudes. A subjetividade de alguém é acessível de uma forma objetiva, quer haja ou não coerência entre os processos subjetivos de ambas as partes. (Berger & Luckmann, 2010) Segundo Berger & Luckmann (2010) a interiorização depende tanto da significação como das formas mais complexas. Este processo é a base da compreensão e da apreensão do mundo, acabando por assumir o mundo no qual os outros já vivem. A interiorização passa então pela compreensão dos processos subjetivos dos outros como também pela compreensão do mundo tornando-o seu. *“Sem dúvida que este «assumir» é em si mesmo, em certo sentido, um processo original para cada organismo humano e o mundo, uma vez «assumido», pode ser modificado de maneira criadora ou (menos provável) recriado até.”* (Berger & Luckmann, 2010) Desta forma há uma evidente partilha de tempo numa ampla perspetiva que liga situações de forma intersubjetiva, sendo estabelecido um nexo de motivações que se prolonga para o futuro, bem como uma contínua identificação mútua entre os indivíduos. Só depois de um indivíduo ter conseguido alcançar este estado de interiorização é que consegue tornar-se efetivamente membro de uma sociedade. O processo ontogénico pelo qual o indivíduo passa tem o nome de socialização. A socialização apenas ocorre quando há uma completa e consistente introdução de um indivíduo na sociedade.

No processo de socialização ocorre inicialmente a socialização primária que acontece junto da família. Esta primeira fase do processo de socialização é a mais importante. *“A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância e em virtude da qual se torna membro da sociedade.”* (Berger & Luckmann, 2010; p. 138) De seguida acontece a socialização secundária onde o indivíduo já socializado é introduzido em outro contexto da sociedade. A estrutura básica de toda a socialização secundária deve ser semelhante à da socialização primária.

Cada indivíduo nasce numa estrutura social objetiva dentro da qual encontra outros significativos que se encarregam da sua socialização. Estes significativos são impostos ao indivíduo pois fazem parte do mundo social objetivo. O mundo social é filtrado para o indivíduo consoante aquilo que é adquirido no processo de socialização primária. Com efeito, a socialização primária implica mais do que aprendizagem cognitiva sendo necessária a existência de um alto grau de emoção. A forte ligação emocional facilita o processo de aprendizagem uma vez que dessa forma a criança identifica-se através da multiplicidade de modos emocionais. A interiorização apenas acontece quando há identificação, para que a criança assuma papéis e atitudes dos outros significativos adquirindo-os como seus. Ao identificar-se com os outros a criança identifica-se a si mesma adquirindo uma identidade ao nível subjetivo. Através deste processo de identificação a personalidade da criança é moldada tendo em conta as primeiras atitudes dos significativos que a rodeiam. A criança não só absorve as atitudes dos outros, como também assume o seu mundo. A partir do momento em que há uma localização num certo mundo, é possível constatar que a identidade da criança em termos objetivos está definida. A criança interioriza conceitos, normas e valores tendo em conta as atitudes dos elementos que a rodeiam. Posto isto, a criança consegue identificar-se não só com alguns significativos, mas também com uma sociedade. A identidade da criança reúne todos os papéis e atitudes interiorizados.

Para Berger & Luckmann, a linguagem é um dos principais instrumentos da socialização. Dessa forma a realidade objetiva pode ser traduzida em subjetiva, assim como o contrário. Estas duas realidades não são totalmente simétricas, uma vez que existe mais realidade subjetiva disponível do que objetiva.

Na socialização primária a criança não pode escolher os seus significativos, tendo que aceitar os que tem. É importante referir que este processo de aceitação não é problemático, na medida em que quando não se conhecem opções não há escolhas a fazer, não se tem consciência sequer da existência de outros mundos possíveis. Deste modo, a

criança acaba por se tornar um pouco passiva no seu próprio processo de socialização, podendo dessa forma ficar em desvantagem. “*Embora a criança não seja apenas passiva no processo da sua socialização, são os adultos que estabelecem as regras do jogo.*” (Berger & Luckmann, 2010) Como a criança não pode selecionar os seus significativos, a sua identificação com eles e a interiorização da sua realidade específica é automática e inevitável. Assim sendo, a criança interioriza o mundo dos seus significativos, não como um possível mundo, mas como o único mundo existente. Por esta razão o mundo interiorizado na socialização primária acaba por ficar mais gravado do que os mundos da socialização secundária. O mundo da infância contém uma realidade bastante peculiar. A socialização primária significa uma sequência de aprendizagens definidas ao nível social. Em casa idade a criança aprende uma determinada coisa, havendo claramente com o passar do tempo um reconhecimento social do crescimento da criança.

Neste sentido, a socialização primária depende bastante do meio familiar em que a criança nasce. A classe social interfere neste processo, uma vez que uma criança nascida numa família de classe favorecida em termos de recursos certamente irá ter acesso a outros conhecimentos que uma criança de uma classe desfavorecida não terá direito. O processo de socialização primária apenas termina quando o conceito de outro generalizado ficou estabelecido na consciência do indivíduo. Assim que as aprendizagens obtidas no processo de socialização primária ficam sólidas na realidade do indivíduo, inicia-se o processo de socialização secundária. Este processo consiste na interiorização daquilo a que Berger e Lukmann (2010) designam de “*submundos institucionais*” ou baseados em instituições. Neste segundo momento de interiorização, os responsáveis por transmitir conhecimento no processo de socialização secundária são definidos por via institucional, como por exemplo os professores. Neste processo são adquiridas habilidades exigidas num determinado contexto e capacidade de compreender e usar determinada linguagem. À medida que adquire conhecimentos mais específicos próprios de uma determinada instituição, o indivíduo aumenta a sua capacidade de integração no novo grupo. Este novo processo de interiorização leva a uma identificação subjetiva com funções e normas adequadas a um determinado espaço e momento. Para que haja um bom processo de socialização secundária é necessário um prévio processo de socialização primária, ou seja, uma personalidade já formada e um mundo interiorizado. No entanto, esta condição pode também tornar-se num problema para este processo, uma vez que a realidade já formada tem tendência a persistir. Desta

forma, os novos conteúdos interiorizados terão que se sobrepor à realidade já presente, podendo haver problemas de coerência entre as interiorizações primitivas e as novas.

Enquanto a socialização primária não pode ser realizada sem a identificação emotiva da criança para com os seus significativos, a socialização secundária não depende desse tipo de identificação podendo até dispensá-lo. Neste segundo processo a identificação é eficiente se estiver presente apenas na comunicação entre seres humanos. Concluindo, no entender dos autores que vimos seguindo, a criança deve nutrir sentimentos pelos familiares e não pelos professores. Na socialização primária a criança interioriza o mundo dos seus pais/significativos como sendo o único mundo e não como um possível mundo. Isto pode levar a eventuais crises depois da socialização primária pelo facto de as crianças perceberem que o mundo dos pais não é efetivamente o único mundo existente. Por exemplo, uma criança que tenha uma socialização primária no meio rural e de seguida, no processo de socialização secundária, seja integrada numa escola que pertence à cidade, pode efetivamente passar por um momento de crise devido à enorme diferença de conhecimentos a que é exposta nessa mudança.

Conseguimos compreender pelo exposto que a realidade integrada na infância, no processo de socialização primária, é muito sólida, e serão necessários graves choques biográficos para a desintegrar. Por outro lado, são necessários muito menos choques para destruir as realidades interiorizadas mais tarde. A criança vive no mundo tal como é definido pelos pais, ou pelos outros significativos, mas pode facilmente sair de mundos da socialização secundária, por exemplo, quando uma criança sai da escola, deixa para trás esse mundo de forma mais fácil do que ao tentar deixar o seu mundo adquirido na primeira socialização. Desta forma é possível constatar que o conteúdo da interiorização feita na socialização secundária tem uma realidade subjetiva frágil e pouco digna de confiança tendo em conta as interiorizações da socialização primária. (Berger & Luckmann, 2010)

Por este motivo, assume-se de fulcral importância o processo de conservação da realidade interiorizada, na medida em que o indivíduo não pode estar constantemente em dúvida sobre o que aprendeu.

Para os autores, *“O veículo mais importante para a conservação da realidade é a conversação.”* (Berger & Luckmann, 2010) A conversação ocorre, ou deve ocorrer, numa base social específica à qual os autores chama de estrutura de plausibilidade. Enquanto se conversa dentro da estrutura de plausibilidade o indivíduo sente-se ridículo quando surgem dúvidas subjetivas a respeito da realidade em questão. Se os contactos

com a realidade alternativa e seus representantes passam de episódios pontuais a episódios frequentes, os métodos encontrados para fazer face a essa situação podem efetivamente perder o seu carácter de crise e tornarem-se rotineiros. Os outros significativos na vida do indivíduo são os agentes principais da conservação da sua própria realidade subjetiva ocupando uma posição privilegiada nestes processos. Os restantes menos significativos funcionam como uma espécie de coro. A relação entre estes dois grupos é dialética, ou seja, interação entre si e com a realidade subjetiva que estão destinados a confirmar. (Berger & Luckmann, 2010)

A vida do indivíduo assemelha-se a um aparelho de conversação que sem sofrer interrupções mantém, modifica e reconstrói a sua realidade subjetiva. Para tal é necessária a existência de conversas significativas. Estas conversas não excluem o halo de comunicação não-verbal que envolve a fala. Segundo os autores referidos anteriormente, a fala conserva uma posição privilegiada no aparelho total da conversa. Grande parte da conservação da realidade na conversa é implícita. A conversa não define com palavras a natureza do mundo, ela ocorre tendo como pano de fundo um mundo tido como verdadeiro.

Por vezes uma simples troca de palavras implica um mundo inteiro dentro dessas que embora tenham uma aparência simples, são efetivamente carregadas de sentido. Uma grande parte, se não a totalidade, da conversa quotidiana contribui para a manutenção da realidade subjetiva. O seu peso é concretizado pela acumulação e coerência da conversa casual, que se refere a rotinas de um mundo tido como dado adquirido. Da mesma forma que o aparelho de conversação faz contínua manutenção da realidade, também está sempre a modificá-la. Nessa mudança, certos pontos são abandonados e outros acrescentados. Podendo ainda levar ao enfraquecimento de setores tidos como garantidos e reforçar outros. (Berger & Luckmann, 2010)

Desta forma a realidade subjetiva de um assunto do qual nunca se falou torna-se vacilante. A conversa dá contornos firmes a questões já apreendidas de maneira vaga e pouco clara. Eventuais dúvidas tornam-se reais quando são discutidas. Estas são objetivadas como realidade na própria consciência. O aparelho de conversa mantém a realidade ao falar de vários elementos da experiência e colocando-os num lugar definido no mundo real. É então possível constatar que a conversa possui uma força geradora da realidade, através da linguagem que objetiva e concretiza o mundo no sentido de o apreender e de o produzir. Na conversa, as objetivações da linguagem tornam-se objetos da consciência individual. Existem retornos à realidade quando um indivíduo se apoia

nos poucos indivíduos que também entendem as suas alusões grupais. De forma a manter eficazmente a realidade subjetiva, o aparelho da conversação deve manter uma linha contínua e coerente. Qualquer eventual rutura a nível de continuidade e resistência constitui uma ameaça para a realidade subjetiva do sujeito em questão, havendo a possibilidade da realidade subjetiva ser transformada.

O simples facto de estar numa sociedade já implica um processo de modificação contínuo da realidade subjetiva. Existem diferentes graus de modificação, nomeadamente a transformação quase total e a que diz respeito a pequenas alterações. Na transformação quase total o indivíduo “*muda de mundo*”. (Berger & Luckmann, 2010) Uma vez que a realidade subjetiva nunca é socializada por completo, não pode ser completamente alterada por processos sociais. No entanto, segundo os autores, esta transformação tem o nome de total, quando comparada com modificações menores.

Em casos em que se tenha verificado alternância é necessário recorrer ao processo de ressocialização. “*Na ressocialização o passado é reinterpretado para que se harmonize com a realidade presente, com tendência a retroprojetar no passado vários elementos que de modo subjetivo não eram acessíveis naquela época.*” (Berger & Luckmann, 2010; p. 169)

O processo de ressocialização é semelhante ao processo de socialização primária, uma vez que é necessário atribuir tónicas à realidade e estabelecer uma forte identificação afetiva com a pessoa que está a tentar ressocializar. Estes casos enfrentam um problema de dismantelamento, desintegrando a anterior estrutura da realidade subjetiva. É necessário incluir condições sociais servindo de matrizes para as conceptuais. É igualmente necessário dispor de uma estrutura efetiva de plausibilidade, proposta ao indivíduo pelos outros significativos com os quais deve estabelecer forte identificação afetiva. Sem esta identificação não é possível qualquer transformação radical da realidade subjetiva. A estrutura de plausibilidade deve tornar-se o mundo do indivíduo, exigindo a separação do mesmo dos habitantes dos outros mundo, em particular do mundo que deixou para trás. O ideal neste tipo de situações seria uma segregação física do antigo mundo. Esta separação é essencial principalmente na fase inicial do processo de ressocialização, sendo posteriormente possível estabelecer novo contacto assim que a nova realidade esteja efetivamente consolidada. No entanto pessoas significativas em termos biográficos constituem sempre uma ameaça neste processo. (Berger & Luckmann, 2010)

A alternância implica a reorganização do aparelho de conversação, ao conversar com novos significativos, a realidade subjetiva do indivíduo é transformada. Desta forma, sempre que eventualmente volte a falar com pessoas que pertencem à antiga realidade, a nova estrutura de plausibilidade fornecerá procedimentos terapêuticos que irá evitar a recaída. É exigido um aparelho legitimador para a sequência completa da transformação. A antiga realidade deve ser reinterpretada no contexto do aparelho legitimador da nova realidade. Essa reinterpretação deve ser feita numa categoria negativa. Caso seja feita uma reinterpretação da antiga realidade, nomeadamente a nível do significado das pessoas e acontecimentos passados na biografia do indivíduo, haverá então uma alta probabilidade de sucesso. Esta fase do processo de ressocialização leva a que o passado do indivíduo encontre uma harmonia com a realidade presente. (Berger & Luckmann, 2010) É relevante destacar a importância da linguagem e o seu poder de objetivar e concretizar o mundo no sentido de o apreender e produzir.

A leitura conceptual que fazemos da construção social da realidade subjetiva de Berger e Lukmann demonstra-nos a importância que a linguagem assume quer nas primeiras aprendizagens sociais, quer nos contínuos movimentos, ora de continuidade, ora de rutura com as realidades interiorizadas. Das aprendizagens que retemos destes dois autores uma se assume curial: deste processo de aprender a ser é imprescindível falar.

Acima de tudo a linguagem é algo social, ou seja, um instrumento utilizado por uma determinada cultura, país ou época. Quando existe uma ausência ou insuficiência na linguagem, as relações humanas são consideravelmente afetadas. A riqueza ou pobreza do vocabulário depende do estrato social de cada um. No entanto em relação às pessoas de meios mais pobres, apresentam efetivamente uma real pobreza do vocabulário. As pessoas desse meio estão mais concentradas na satisfação das necessidades básicas e não no aperfeiçoamento do seu vocabulário, tornando-o muitas vezes limitado. Esta situação afeta as crianças e leva a que as escolas fracassem quando tentam ensinar palavras que não correspondem à vida dessas crianças. (Ribeaud, Marie; 1976)

Posto isto, conseguimos concluir que a linguagem é efetivamente uma ferramenta bastante importante não só para a ligação com a sociedade, mas também para um bom desenvolvimento intelectual das crianças e jovens.

2. Apresentação empírica

2.1. Apresentação e justificação do objeto de estudo

O relatório que aqui apresentamos constitui a reflexão decorrente do estágio realizado no Lar de Infância e Juventude Instituto Madre Matilde, uma instituição de acolhimento de menores, que tem ao seu cuidado 17 jovens raparigas, entre os 12 e os 19 anos, institucionalizadas por diferentes motivos, entre os quais, negligência parental, abuso sexual e violência doméstica. O estágio, com a duração de 30 semanas, decorreu entre os meses de Fevereiro e Setembro de 2015.

Com efeito, consideramos que o projeto que aí desenvolvemos se revelou bastante oportuno facto de estas jovens terem sido sujeitas a uma socialização primária vulnerável o que acaba por influenciar de forma negativa o processo de socialização seguinte, nomeadamente a socialização secundária, que ocorre prioritariamente no exterior da família, nomeadamente junto de outras instituições sociais muito importantes, como é, por exemplo, o caso da escola. Tudo aquilo que é aprendido ao longo do primeiro processo de socialização engloba o mundo social do indivíduo. Todos os conhecimentos e conceitos adquiridos vão estar presentes ao longo da sua vida. (*Berger & Luckmann, 2010*) Isso acaba por influenciar o tipo de linguagem e postura que assumem. Desta forma torna-se fulcral trabalhar com as jovens utilizando a linguagem como ferramenta, através de temas que sejam não só do seu agrado, mas também importantes para a formação das jovens.

Algumas destas jovens apresentam vocabulários bastante limitados e posturas desadequadas quando estão em público, pautadas quer por retraimento excessivo quer por extroversão numa forma exagerada. No entanto, nem sempre o facto de serem institucionalizadas e retiradas de um contexto de risco promove a alteração dos seus comportamentos e atitudes. É necessário um grande investimento e trabalho de forma a ressocializar estas jovens para que consigam alterar alguns dos conceitos adquiridos e aprender novos. (*Berger & Luckmann, 2010*) Com este projeto pretendemos dar algumas diretrizes do caminho a seguir para que esse processo de ressocialização seja alcançado com sucesso.

O facto de estas jovens terem sido institucionalizadas remete para que haja uma reconstrução de dois espaços, o exterior e o interior. Quando se fala em reconstrução do espaço exterior, entende-se que haja a existência de um espaço próprio que permita o reconhecimento de uma individualidade e a necessidade de existência de regras e

limites. (Strecht, 2002) Muitas destas jovens ao serem institucionalizadas encontram um espaço físico a que algumas nunca tiveram direito, com condições de habitação e meios para verem as suas necessidades básicas serem satisfeitas. Por outro lado, quando se fala em reconstrução de um espaço interior entende-se a existência de um suporte do “eu”, onde seja fornecido à jovem um novo modelo relacional com os novos adultos e jovens, de forma a permitir que ganhem internamente uma confiança no mundo exterior que facilite a reorganização do seu próprio universo. (Strecht, 2002) Através do diálogo estas jovens podem efetivamente aumentar a sua confiança em exprimir a sua opinião, reestruturar ideias e desenvolver o seu interior.

Pese embora o conjunto de aprendizagens que tive oportunidade de adquirir na frequência do ano curricular do Mestrado, consideramos importante assinalar que para a criação e implementação do projeto que deu origem a este relatório de estágio presidiram duas orientações pessoais importantes.

A primeira prende-se com a realização prévia de um projeto de voluntariado numa outra instituição de acolhimento de jovens em risco, onde tive oportunidade de experienciar a desvalorização, na minha opinião flagrante, do uso do diálogo e da conversa. Perante tal realidade questioneimei-me muitas vezes sobre as consequências que esse “não falar acerca de coisas importantes” teria na vida de jovens que estavam a construir-se enquanto pessoas.

A segunda orientação não é inócua à minha formação académica em criminologia. Particularmente sensível às questões da prevenção, assumi como trabalho fundamental de intervenção com jovens em risco a criação de mecanismos de prevenção de comportamentos desviantes assentes num espaço de diálogo aberto e orientado, onde fosse possível a um conjunto de jovens em situação de exclusão social falar de si, falar dos seus problemas, e falar dos seus projetos. Dessa forma criamos este projeto que visa não só demonstrar a importância da conversa significativa para jovens em risco, mas acima de tudo criar um espaço agradável e confortável para que sintam liberdade para expor as suas ideias e opiniões, aprendendo também a usar a sua liberdade de expressão.

2.2. Objetivos

O principal objetivo da criação de espaços de conversa significativa passa por comprovar a importância do diálogo e do debate organizado de ideias junto destas

jovens. O diálogo é uma ferramenta valiosa e que deve ser utilizada no processo de socialização primária. Este processo de socialização geralmente ocorre junto da família mais próxima da criança, e é com estes familiares que o menor vai adquirindo competências sociais e acima de tudo começa a fazer uma distinção entre o que é socialmente aceite daquilo que é punido pela sociedade. (Berger & Luckmann, 2010) Uma vez que estas jovens foram retiradas, por diversos motivos, do seu contexto familiar é importante que os novos responsáveis pelo seu processo de socialização empreguem algum tempo para ouvir e conversar com elas. Com este projeto pretendemos mostrar a importância de apostar na criação destes mesmos espaços, conseguindo assim intervir com estas jovens não só com o objetivo de fornecer ferramentas de diálogo e debate, como também conseguir, através de um espaço informal de conversa significativa, prevenir a ocorrência de determinadas situações de risco a que estas jovens estão particularmente mais vulneráveis.

Posto isto consideramos importante trabalhar com estas jovens a importância da conversa significativa no âmbito de um grupo onde pudessem falar livremente sobre temas da atualidade, adquirindo novos conhecimentos e moldando os antigos. Desta forma poderiam também aprender a lidar com sentimentos de frustração e a assumir uma postura mais adequada em público, nomeadamente, respeitar a opinião dos outros e apresentar argumentos válidos numa discussão.

2.3. Metodologia

A metodologia aplicada neste projeto é de pendor qualitativo, tendo sido utilizada uma abordagem etnográfica onde foi possível aflorar também um pouco da metodologia de investigação-ação.

A etnometodologia aplica-se ao estudo de instituições, hábitos e gostos em comunidades, incidindo sobre a investigação detalhada de qualquer pequeno grupo. O princípio básico para esta abordagem passa por observar pormenorizadamente e compreender esse mesmo mundo. O investigador coloca-se no contexto social por um longo período de tempo e recorre à observação participante para entender a cultura, normas e valores do grupo. O resultado dessa investigação será um produto escrito. Duas das ferramentas utilizadas neste método, que foram também usadas neste projeto, passam pela entrevista livre (não estruturada) e pela observação participante. A primeira prende-se com o objetivo de conversar sobre um tema, sendo necessário saber ouvir.

Esta é uma ferramenta bastante subjetiva visto que o entrevistado coloca os seus pontos de vista e sentimentos nas suas respostas. Por outro lado a observação participante tem como principal objetivo compreender o mundo, sendo para isso necessário observar, experimentar e analisar.

Em relação à investigação-ação também desenvolvida neste projeto, segundo Serrano (1990) esta investigação tem contribuído para a criação de um clima de transformação de determinadas questões da realidade educativa. Esta investigação permite superar discrepâncias que possam existir entre a teoria e a prática de forma a possibilitar melhoras na qualidade da educação. Segundo Cohen e Manion (1989) este é um procedimento desenvolvido no local de forma a lidar com um problema em concreto. Neste tipo de investigação é importante que haja uma certa continuidade³ de forma a reajustar ao longo do tempo alguns aspetos de forma a melhorar as práticas desenvolvidas. Numa investigação-ação primeiramente é necessário formular princípios hipotéticos em relação aos problemas identificados, de forma a conseguir produzir hipóteses quanto à ação que o investigador deve conduzir. Por fim deve ser experimentada a ação e de seguida rever as hipóteses com base nas informações recolhidas de forma a aperfeiçoar a ação e dessa forma melhorar as estratégias de trabalho utilizadas inicialmente.

Durante o tempo de estágio foram realizadas sessões de diálogo significativo com um grupo de sete jovens com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos. Em relação à população-alvo deste projeto, limitamos a nossa amostra de um grupo de dezoito jovens institucionalizadas entre os doze e dezanove anos de idade, para sete jovens com idades compreendidas entre os quinze e dezoito anos de idade. Uma vez que o tempo de aplicação do projeto não seria muito longo e de forma a não comprometer a eficácia do mesmo, consideramos que o mais adequado seria reduzir a amostra da população-alvo deste projeto. No anexo 1 poderá encontrar uma tabela com os dados de caracterização mais imediata das jovens institucionalizadas.

Os critérios de seleção utilizados para a escolha das jovens passaram essencialmente pela idade, pelo tipo de comportamento assumido, de acordo com a escala proposta por Eric Berne (1951), e finalmente, pela forma de comunicar de cada uma delas, (subentendendo aqui os códigos linguísticos propostos por Bernstein).

³ O que não aconteceu dada a particularidade do projeto e daí fazermos referência apenas à afloração da metodologia da investigação-ação.

Com efeito, na fase da adolescência, as jovens já demonstram um tipo de abertura para temas relativamente sensíveis, nomeadamente geradores de sofrimento pessoal, e por outro lado, conseguem colocar-se enquanto ouvintes desses mesmos temas. Por outro lado, a diversidade de posturas, nomeadamente de retraimento ou de extroversão que cada uma destas jovens demonstra no âmbito de uma conversa em público parece fugir de um certo modo de normalidade em interação. Cada uma destas jovens apresenta diferentes atitudes e comportamentos que são resultado do seu passado. Segundo Eric Berne (1951) a estrutura pessoal do indivíduo é composta por três estados, sendo eles o estado parental, o estado adulto e o estado criança. Cada um destes estados reflete a realidade psicológica de cada pessoa, ou seja, as suas experiências reais vivenciadas ao longo do seu desenvolvimento. O estado parental reflete a educação, as normas e valores que cada pessoa recebeu ao longo da sua infância e adolescência. O estado adulto está diretamente relacionado com o pensamento lógico, ou seja, é neste estado que o indivíduo recebe informações e as analisa. É também neste estado que o jovem começa a experimentar a vida e a colocar em causa alguns dos ensinamentos que recebeu por parte dos progenitores. Por último, o estado criança está relacionado com a parte emocional, com os acontecimentos agradáveis e desagradáveis que marcam a estrutura pessoal do indivíduo mesmo que ele não tenha consciência disso. (Fachada, 2006) Dentro do estado criança é possível encontrar diferentes tipos de categorias que abrangem diferentes comportamentos⁴. Cada uma das jovens selecionadas para o projeto, enquadra-se num desses estados, o que levou à sua escolha para o projeto. Inicialmente, consideramos interessante e pertinente criar um grupo o mais diferente possível de forma a criar um certo equilíbrio nas sessões. Foram escolhidas para o projeto duas jovens que preenchem os critérios da categoria “*pequeno professor ou criança criativa*”, duas que preenchem a categoria “*rebelde*” e três que se enquadram na categoria “*adaptada*”. (Fachada, 2006) Esta diversidade de comportamentos e personalidades foi previamente pensada de forma a estimular o grupo. As jovens que demonstram uma maior facilidade em dialogar em grupo conseguem de certa forma incentivar as restantes a participar de forma organizada. O facto de terem sido escolhidas jovens com comportamentos rebeldes e outras com comportamentos adaptados reside no simples facto de conseguirmos trabalhar com elas a importância do equilíbrio no grupo no momento de debate e do

⁴ Ver anexo 2

respeito que cada elemento deve ter pelos restantes. Passamos a citar uma pequena parte do trabalho de Maria Odete Fachada que clarifica o que anteriormente referi:

“O grupo pensa e age de modo diferente de qualquer um dos seus elementos considerados individualmente. Cria-se uma consciência coletiva que não é igual à soma das consciências individuais.” (Fachada, 2006)

O facto de cada uma destas jovens assumir um diferente comportamento está diretamente relacionado com o seu passado e as vivências que experimentaram na infância.

Por outro lado, à luz das teorias de Basil Bernstein, existem diferentes tipos de linguagem que são determinados pela origem social de cada indivíduo. A linguagem é fundamental no processo de comunicação e na criação de relações sociais. Diferentes códigos linguísticos criam, para quem está a comunicar, diferentes ordens de relevância e de organização da realidade, ou seja, a estrutura social determina o comportamento linguístico de cada indivíduo. Este também foi um aspeto que levamos em consideração no momento de escolha das jovens para formar o grupo, ou seja, as formas de comunicar que cada uma apresenta.

Embora o tempo de estágio fosse relativamente longo, as sessões foram realizadas apenas num período de três meses, sendo estes o mês de Abril, Maio e Junho de 2015. A cada mês foi atribuído um tema principal, que de seguida foi subdividido em quatro subtemas. No final dos três meses realizamos sessões individuais com cada jovem envolvida no projeto de forma a perceber até que ponto este tipo de sessões dinâmicas são efetivamente uma mais-valia para aprofundar os conhecimentos destes jovens em relação a alguns temas e o que conseguiram aprender com as atividades voltadas para a prevenção.

Capítulo II

Diagnóstico socioinstitucional

1. Caracterização geográfica

Dou início a este diagnóstico socioinstitucional fazendo uma breve análise da localização geográfica da instituição na qual desenvolvi o estágio. A nível de localização geográfica encontro vários pontos que podem ser potenciais ferramentas para este Instituto, uma vez que se encontra situada no centro da Póvoa de Varzim com acessos fáceis e rápidos e acima de tudo rodeada de habitações e pontos que podem ser potenciais para o lar.

Para que a minha explicação seja o mais clara possível poderá encontrar no anexo 3 uma imagem que ilustra a localização geográfica do Instituto.

O Instituto Madre Matilde situa-se numa zona habitacional no centro da cidade da Póvoa de Varzim e está rodeado de pontos importantes da cidade, tais como:

- Centro Hospitalar Póvoa de Varzim – Unidade da Póvoa de Varzim;
- Centro de Saúde da Póvoa de Varzim;
- Biblioteca Municipal;
- Escolas Básicas/Secundárias;
- Parque da cidade;
- Varzim lazer;
- Praia;
- Monumentos;
- Igrejas;
- Jardins amplos;
- Zonas de comércio;
- Santa Casa da Misericórdia da Póvoa de Varzim;
- MAPADI;
- CPCJ da Póvoa de Varzim;

Alguns destes pontos já são explorados pela instituição, nomeadamente as praias que são uma das principais atrações nos meses de Julho e Agosto durante a época balnear. No entanto, ao longo de todo o ano as jovens frequentam vários locais de lazer para atividades fora da instituição, tal como o parque da cidade onde é habitual serem realizados piqueniques e atividades desportivas. Um dos pontos fortes deste lar é o facto

de ser bastante respeitado e reconhecido na cidade, o que leva a que haja uma abertura por parte de algumas entidades para as jovens da instituição, nomeadamente o Varzim Lazer que autoriza que as jovens participem nas diversas atividades desde natação, aeróbica, zumba entre outras de forma gratuita. O objetivo destas atividades é promover momentos de lazer e de interesse para as jovens.

Geralmente, quando são realizadas grandes atividades fora da instituição as jovens vão na companhia da equipa técnica ou da equipa educativa nas carrinhas do Instituto, o que é de todo benéfico uma vez que conseguem dessa forma desenvolver capacidades de relacionamento com os outros, podem usufruir de momentos lúdicos e divertidos que de certa forma conseguem sair da sua habitual rotina, o que as leva a sentirem-se integradas na sociedade. No entanto, no período de férias quando as jovens podem apenas para dar um passeio pela cidade é dada autorização para irem em pequenos grupos com hora marcada para voltarem. O facto de permitirem essas saídas às menores é importante uma vez que elas sentem que está a ser depositado um voto de confiança e responsabilidade em cada uma delas.

As vastas igrejas da cidade são também elas utilizadas pela instituição uma vez que se trata de uma instituição de cariz religioso, que tem na sua direção irmãs religiosas, que incentivam as jovens a participarem em atividades religiosas como a catequese e o grupo de jovens. O principal objetivo é acima de tudo integrar as jovens nas atividades da comunidade dando-lhes uma rotina o mais normal possível e também ajudar a que desenvolvam valores cristãos.

Continuando a explorar as atividades que são feitas mobilizando os recursos endógenos posso também destacar a biblioteca municipal da Póvoa de Varzim. Embora as jovens tenham acesso a vários livros, CD de música e DVD de variados filmes, costumam também frequentar a biblioteca municipal para momentos de lazer e estudo. Pontualmente a biblioteca realiza atividades para a comunidade e tem sempre a atenção de contactar a instituição, de forma a convidar as jovens a participar nas mesmas.

De forma a organizar e planear todas as atividades que vão ser realizadas com as jovens, no final de cada mês é realizado um plano de atividades, com as atividades que as jovens possuem depois das aulas e atividades dentro e fora do lar planeadas para realizar naquele mês.

2. Espaços institucionais

De forma a analisar institucionalmente o Lar de Infância e Juventude onde realizei o meu estágio, é de todo apropriado fazer uma análise detalhada do seu território. (Hess, 1978)

Segundo as teorias de Fischer (1994), o interior de uma instituição é concebido e dividido segundo um modelo funcional, uma vez que os espaços são previamente dispostos e organizados segundo um conjunto de regras. Em cada local da instituição é distribuído um número de indivíduos com atividades definidas. A lógica a que obedece esta organização dos espaços institucionais é uma lógica existencial, ou seja, concebida em função dos interesses e necessidades dos utilizadores, neste caso das crianças.

Em muitas instituições é fácil constatar a diferença nos seus espaços consoante o grupo a que o mesmo se destina. Assim, é visível um maior cuidado nos espaços destinados aos elementos da direção e um menor cuidado nos restantes espaços. Esta clara divisão de poder dentro de uma instituição é também visível quando somos deparados em algumas organizações com avisos que proíbem o acesso a dados espaços. Com isto o indivíduo que frequenta a instituição encontra-se sobre uma “*liberdade vigiada*”. (FISCHER, Gustave-N. 1994)

No Instituto Madre Matilde não se verifica um maior cuidado nos espaços destinados a elementos da equipa técnica e direção comparativamente aos locais destinados às jovens. Todos os locais são arejados e estão mobilados e decorados de forma adequada para o principal público que frequenta os mesmos. Embora as jovens precisem de autorização e a presença de um adulto para entrar nos gabinetes técnicos e diretivos, estes estão bastante acessíveis a todas e existe uma grande liberdade para que possam dirigir-se a eles sempre que necessário. No entanto, em todos os andares existem outros quartos e corredores que não são de acesso ao público, visto serem os locais privados de cada irmã religiosa que habita na instituição. Desta forma é proibida a entrada na zona de clausura, que pelo que consegui constatar é aceite por todos, uma vez que entendem os motivos apresentados pelas irmãs para a privação desses espaços ao público.

Tendo em conta a sua estrutura externa é bastante simples e o mais parecido possível com uma habitação dita normal, fazendo apenas referência ao nome do Instituto com a imagem da Madre Matilde perto da porta de entrada e aos serviços de Jardim-de-infância. No entanto não é possível *a priori* para alguém de fora da

comunidade associar o local a um lar de acolhimento. Embora a zona de portaria tenha constantemente um adulto a controlar as entradas e saídas o que é uma vantagem a nível de segurança interna e das menores, as portas raramente são fechadas com chave o que faz com que as jovens não tenham a ideia que estão presas e isoladas do mundo exterior, o que é normal para os que se encontram dentro de uma instituição, pois esse espaço fechado constitui um encerramento. (*FISCHER, Gustave-N. 1994*)

Embora seja uma casa que tenha sido construída por volta dos anos 50⁵ apresenta interiormente uma aparência jovem e bastante acolhedora. Os diversos espaços existentes não são desprovidos de qualquer referência à infância e juventude, pelo contrário os quartos das jovens assumem cores alegres e em todos os corredores e compartimentos é possível verificar um objeto que, por mais simples que seja, torna o ambiente mais familiar, como jarras de flores, quadros, paredes decoradas pelas jovens, entre outros. Encontrei também outro ponto que considero relevante apontar, trata-se da constante evolução em que este Instituto se encontra. Constantemente preocupados com o bem-estar das jovens e com a sua segurança são feitas obras regularmente de forma, não só a melhorar a estrutura da casa mas também a acompanhar as tendências jovens o que demonstra uma preocupação em manter este espaço alegre e juvenil. No anexo 5 é possível encontrar algumas das muitas fotografias que ilustram o que acabei de descrever.

O Instituto Madre Matilde encontra-se dividido em rés-do-chão e três andares. No rés-do-chão é possível encontrar os gabinetes da equipa diretiva, equipa técnica e gabinete administrativo. Encontra-se também o refeitório, cozinha, duas casas de banho para funcionários e um salão de brincar para as crianças do jardim-de-infância.

No primeiro andar encontram-se as salas do jardim-de-infância divididas por idades, uma sala de reuniões, duas casas de banho adaptadas para os meninos do jardim-de-infância e uma sala onde é guardado todo o material de papelaria utilizado frequentemente em trabalho manuais. Neste andar encontra-se também uma pequena capela onde as irmãs religiosas juntamente com as jovens fazem regularmente as suas orações.

O segundo andar é exclusivamente dedicado às jovens acolhidas. Tem capacidade para 20 jovens, tendo duas alas de quartos divididas. Cada ala tem uma casa de banho para as jovens da respetiva ala, com duas divisões sanitárias e três

⁵ Ver anexo 4

compartimentos para duche. Tem ainda uma casa de banho adaptada para pessoas com limitações físicas que apenas é utilizada em caso de necessidade. Existem no total sete quartos com o máximo de quatro camas e o mínimo de uma cama. O mais apropriado para garantir a liberdade de relações sociais e preservar a intimidade destas crianças, seria que cada uma tivesse o seu próprio quarto, um espaço só seu (Rivlin, 1976), mas uma vez que isso não é possível devido a questões de espaço, considero que ter no máximo quatro jovens por quarto não viola a preservação da sua intimidade e acaba por ajudar na criação de laços entre as jovens. Neste andar encontra-se também uma sala de estudo e uma sala de convívio onde as jovens costumam assistir televisão e conversar. As decorações existentes nas diferentes alas estão de acordo com as idades das respetivas jovens que lá se encontram.

O terceiro e último andar tem acesso apenas a funcionárias e jovens institucionalizadas visto que é lá que se encontram as máquinas necessárias para lavar e secar roupa e é também numa pequena divisão deste andar que são guardadas todas as roupas dadas à instituição por pessoas da comunidade. Sempre que alguma jovem que é acolhida e caso chegue à instituição com pouca roupa, são oferecidas algumas dessas peças que foram doadas. A cada criança é atribuído um número que estará presente em todas as roupas e é proibida a sua troca sem autorização do dono. O facto de as roupas estarem marcadas por números leva a que as crianças sejam vista como um número. Assim há uma “*mortificação do eu*” (Goffman, p. 56), as crianças são tratadas pelo nome, ou por diminutivos com os quais se identifiquem, no entanto são os números que as identificam nas roupas e processos.

Continuando a minha análise pelo espaço e condições deste lar, pude também constatar que a casa é quente, uma vez que tem aquecimento, e bastante iluminada durante o dia pela luz natural, visto que em todas as divisões existem várias janelas. A nível exterior tem um grande espaço com jardim, parque infantil e acesso à garagem. Na parte traseira do Instituto encontra-se um edifício com três andares onde atualmente apenas utilizam a garagem, mas cujos andares superiores futuramente podem vir a tornar-se pequenas habitações para iniciar o projeto de autonomização de vida das jovens, a pedido do Instituto à Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Este projeto é algo que ainda está a ser discutido no entanto parece-me vantajoso para o trabalho desenvolvido com as jovens. Todos os dias é efetivamente trabalhado junto das jovens mais velhas a importância da sua autonomização, no entanto não é possível passar este trabalho para uma experiência mais prática e próxima da realidade onde as jovens,

mesmo sob o olhar atento da equipa técnica podem ter uma experiência de como seria morarem sozinhas e terem que desempenhar todas as funções diárias de forma independente.

Como em qualquer organização é frequente que existam três tipos de espaços, o de socialização, o de intersticiais e por último os de refúgio. (*FISCHER, Gustave-N. 1994*) No período de tempo em que estive na instituição consegui perceber onde se localizam estes três espaços e se de facto existem. O espaço socialização, ou seja, aquele em que as pessoas se encontram ocasionalmente e acabam por trocar algumas conversas, tornando-se momentos de socialização, acontecem essencialmente nos corredores e no refeitório no momento das refeições mas principalmente do lanche. Quanto aos espaços intersticiais não consegui destacar um que se enquadre nas suas características. Todos os espaços que frequentei deixaram-me com a sensação de que tinham uma finalidade bem definida. Por último, em relação aos espaços de refúgio dentro do lar é efetivamente complicado que as jovens tenham um espaço só seu onde possam encontrar alguma privacidade e refúgio, no entanto geralmente refugiam-se nos quartos. Por vezes ainda que estejam rodeadas das restantes meninas ou funcionárias, é visível que algumas jovens embora em grupo estejam refugiadas. Um espaço de refúgio invisível aos nossos olhos, mas visível para elas e para os que convivem diariamente com elas, ou seja, são nichos psicológicos que podem ser a esfera à sua volta e o espaço onde guardam os seus pertences pessoais. (Fischer, 1989)

3. Estrutura organizacional

Em cada organização é frequente encontrarmos pessoas com diferentes qualificações académicas que ocupam diferentes postos de trabalho. Toda a atividade humana organizada dá origem à divisão do trabalho em diferentes tarefas e na eleição de coordenadores para essas mesmas divisões. (Mintzberg, 2003)

Tendo em conta esta divisão de tarefas consoante as formações académicas de cada profissional resolvi esquematizar as funções organizacionais existentes neste Instituto. No anexo 6 poderá encontrar o esquema com uma síntese dos principais cargos existentes neste lar.

Falar de estrutura organizacional é considerar o conjunto dos órgãos que integram a organização e também as relações de interdependência que entre eles se constroem. Assim sendo, passo a apresentar cada uma dos órgãos que integram esta

estrutura organizacional e também as relações que entre eles se verificam. Será também importante identificar que mudanças devem ocorrer na estrutura organizacional para que a organização do lar seja mais inovadora e, portanto, mais capaz de intervir adequadamente com os seus utilizadores.

Segundo a classificação de Mintzberg (2003) vou apresentar alguns dos órgãos que constituem as partes básicas de uma organização, nomeadamente a sua composição e funções.

Vértice estratégico – *Direção do Instituto* – No vértice estratégico encontram-se as pessoas com a responsabilidade global da instituição. A cúpula estratégica assegura que a missão seja cumprida.

Linha intermédia – *Diretora técnica* – A linha intermédia representa a ligação entre o vértice estratégico e o núcleo operacional. O gerente da linha intermédia executa várias tarefas no fluxo da supervisão direta acima e abaixo dele, ou seja, coleta informações de feedback e transfere algumas delas ao gerente acima.

Núcleo operacional – *Equipa técnica e equipa educativa* – O núcleo operacional é responsável pela entrada de matéria-prima e pela transformação desta matéria no produto da empresa e pela distribuição deste produto.

Apoio logístico – *Pessoal de cozinha; Funcionária administrativa; Pessoal dos serviços auxiliares* – O apoio logístico, é a área especializada, que tem a função de apoiar a organização, dando suporte às operações da empresa.

Tendo agora em conta as relações de interdependência, consegui constatar que nesta instituição há uma divisão do trabalho organizada, assim, cada elemento que faz parte desta organização tem funções de acordo com a sua posição dentro da mesma.

A nível de tomada de decisão, este processo acontece de acordo com as hierarquias, contudo existem vários momentos, nomeadamente em reuniões, onde determinadas decisões podem ser discutidas e analisadas entre os diferentes órgãos. Por regra são realizadas duas reuniões por mês com a direção, equipa técnica e educativa de forma a conversarem sobre os últimos acontecimentos relacionados com as jovens, a melhor forma de encontrar uma solução e programar futuras atividades.

Posto isto, consigo concluir à luz das teorias de Mintzberg que esta instituição é de facto inovadora uma vez que realizam um trabalho conjunto e não aplicam soluções estandardizadas para todos os casos. Realizam um diagnóstico da situação ou jovem envolvida de forma a perceberem qual o melhor caminho a seguir. Esta é de facto uma instituição descentralizada uma vez que observam o meio, de forma a ajudar e perceber

de que forma os problemas evoluem. A estrutura de todas as equipas está efetivamente centrada nas necessidades dos utilizadores e dessa forma cooperam bastante entre si de forma a alcançar os melhores resultados em prol das jovens e do bom funcionamento do Instituto.

4. Relações existentes no Instituto Madre Matilde

A direção, equipa técnica e equipa educativa trabalham em conjunto de forma a alcançarem o melhor para as jovens. As jovens que são acolhidas sentem-se confortáveis com todos os elementos da casa, seja para conversar de assuntos sérios ou então para ter uma conversa mais descontraída. Os elementos da direção e equipa técnica ao contrário de outras instituições não estão constantemente no seu gabinete e mesmo quando o trabalho assim o exige as jovens sabem que têm a liberdade para as procurar sempre que necessário. É frequente ver estes elementos significativos da instituição a andar pelos corredores, dormitórios entre outras compartições para ver se tudo corre dentro da normalidade, conversar um pouco com as jovens ou até mesmo com os restantes funcionários.

Sendo estas jovens acolhidas devido a vivenciarem situações de risco, muitas delas fragilizadas com determinadas experiências que tiveram a nível relacional com os elementos da família é vantajoso encontrarem um local que prime pelas boas relações e valorize efetivamente este aspeto. Logo no início do estágio reparei em algo que é também favorável para esta instituição, nomeadamente o facto de grande parte das funcionárias estarem a trabalhar neste local há imensos anos, tendo mesmo funcionárias com 15 anos de trabalho com estas jovens. O facto de haver uma continuidade nas relações estabelecidas leva a que a jovem não se veja obrigada a sofrer novamente com a quebra de mais um vínculo criado com uma pessoa significativa. Prova disso é o facto de constantemente aparecem na instituição jovens que já saíram mas que sempre que podem passam pelo Instituto para rever as pessoas. Como referi no ponto anterior, estas relações podem efetivamente tornar-se fatores protetores para as jovens acolhidas.

Para concluir faço referência a um episódio que ficou na minha memória pelo seu cariz positivo pois evidencia a boa relação que existe dentro desta instituição. O ano 2015 era o último ano em que a Irmã Maria José que foi quem me recebeu de braços abertos para a realização deste estágio, iria estar como Madre e consequentemente à frente da direção. No dia 18 de Agosto de 2015 foi realizada uma pequena celebração de

despedida em homenagem à Irmã Maria José. Neste dia foi visível a emoção das atuais jovens internadas e algumas das antigas internas que fizeram questão de estar presentes. Emoção essa que também foi visível no rosto de cada funcionária. Entre lágrimas e recordações de alguns momentos, criou-se um espírito familiar onde, embora grande parte das funcionárias estivessem no seu período de férias, estiveram presentes várias pessoas para uma última celebração com esta Irmã que partiu dia 31 de Agosto de 2015 para Moçambique onde deu início a uma outra missão.

5. Importância de novas relações para a criança institucionalizadas

De acordo com uma abordagem de reorganização dos laços de vinculação e de adaptação resiliente, os jovens com um uma vivência vincada por diversos choques, encontram-se capacitados para criarem novas relações afetivas com outras figuras (Mota & Matos, 2008). Deste modo, sublinha-se que nas instituições de acolhimento, torna-se crucial o desenvolvimento de uma rede de apoio (Zegers, 2007).

Assim, a construção de uma relação significativa com um outro adulto pode reduzir os efeitos negativos de uma vinculação insegura (Hardy, 2007). Estas novas relações tornam os jovens menos vulneráveis e promovem um desenvolvimento adaptativo (Mota & Matos, 2010). Deste modo, a construção de relações significativas pode atuar como um fator de proteção, na medida em que proporcionam segurança e um aumento da autoestima e promovem o bem-estar dos jovens (Canavarro, 1999a). De igual forma favorecem a organização interna e o desenvolvimento de modelos internos dinâmicos de si e dos outros mais positivos (Mota & Matos, 2010).

Sendo assim, estes papéis podem ser desempenhados por figuras como os professores, os funcionários da escola e os monitores da instituição de acolhimento onde os jovens vivem (Mota & Matos, 2010). A qualidade da relação que os jovens estabelecem com estas figuras representa bons indicadores face à adaptação social e bem-estar (Larose et al., 2005). Contudo, Mota e Matos (2010) sublinham que o início das relações construídas com os professores e funcionários da escola podem reavivar a revolta inerente ao processo de institucionalização, por motivo de receio de lidar com potenciais eventos de abandono (Schuengel & Van Ijzendoorn, 2001). Na instituição, as relações positivas construídas com os monitores permitem uma adaptação e integração positiva, na medida em que são orientados e acolhidos por estas figuras (Mota & Matos, 2008).

O contexto institucional pode assemelhar-se ao familiar, através de uma intervenção mais personalizada. Neste sentido, Zegers, Schuengel, Ijzendoorn e Janssens (2006), defendem que boas relações estabelecidas entre os jovens e os seus cuidadores promovem o aumento de sentimentos de confiança e mais interações entre eles. Os monitores das instituições podem estimular as crianças no sentido de melhorarem os seus relacionamentos, podem auxiliar ao corrigir os seus comportamentos problemáticos e tendem a ser vistos como substitutos das figuras parentais nas situações em que se encontram disponíveis para conter as angústias, os medos, as expectativas e alegrias dos jovens, uma vez que dispõem de uma convivência diária com os jovens (Zegers, 2007). Schuengel e Van Ijzendoorn (2001) referem que uma relação de qualidade entre os jovens e os monitores da instituição possibilita um crescimento adaptativo, associando-se ainda ao desenvolvimento de processos resilientes (Hawkins-Rodgers, 2007).

Assim, as relações construídas com estas figuras funcionam como fatores protetores dos adolescentes, diminuído, conseqüentemente, o risco de vulnerabilidade (Howard & Johnson, 2004), provocado por eventos negativos do passado (Wekerle, Waechter, Leung, & Leonard, 2007).

6. Rotinas diárias praticadas pelas jovens institucionalizadas

Antes de explicar qual a rotina que estas jovens praticam todos os dias dentro da instituição é importante refletir sobre a importância do papel que a instituição tem para com estas jovens em risco. São jovens muitas das vezes vulneráveis, retiradas do seu meio familiar por questões de violência ou negligência. É importante que haja uma consciência por parte das instituições de que estas jovens foram grande parte das suas vidas habituadas a rotinas, horários e regras completamente distintos dos praticados nestes locais.

Tendo a instituição acolhedora o papel de receber e proteger a menor é importante haver uma abertura para uma fase de adaptação que varia de jovem para jovem. Implementar de imediato um conjunto de regras e obrigar a jovem a cumpri-las pode efetivamente alterar a visão que a jovem tem do ato de acolhimento. Segundo Santos (2004) ter um lugar para viver e estar significa existir no ambiente humano. À luz desta teoria conseguimos perceber o quanto é importante ter um local onde se é acolhido, mesmo que esse acolhimento seja resultado de uma medida de proteção. O

simples facto de acolher um jovem consiste em compreender as suas necessidades a partir da sua singularidade e consequentemente oferecer-lhe um ambiente agradável e acolhedor onde estes jovens possam reencontrar um espaço de subjetivação. Segundo Winnicott (2002) são necessários dois aspetos que estão diretamente relacionados com a estabilidade de um ambiente que se tornam fundamentais para que um indivíduo sinta que pertence a esse ambiente, nomeadamente a estabilidade gerada pela continuidade da permanência do sujeito no ambiente e a estabilidade do ambiente.

Quando falamos sobre as rotinas praticadas neste tipo de instituições de acolhimento é frequente destacar as inúmeras regras existentes e horários bastante controlados. Embora seja compreensível o motivo para a existência desses mesmo horários e regras devido ao elevado número de jovens acolhidas, o facto é que o excesso de normas por vezes configura uma rotina de práticas cotidianas desprovidas de sentido e significado que pode contribuir para dissociar o conceito de lar.

É efetivamente compreensível a existência destas normas no entanto é importante ter em conta se essas mesmas normas estão a ser aplicadas de forma violenta ou automática e se afeta de alguma forma a formação das jovens. É importante que o ambiente tenha uma certa severidade caso essa seja sinónimo de estabilidade, ou seja, sejam necessárias para manter a estabilidade do lar e das jovens sem excluírem a tolerância, compreensão e possibilidade de transformação. (Winnicott, 2002)

Ao longo da minha experiência de estágio em diferentes horários consegui ter uma melhor perceção de como é a rotina praticada nesta instituição em particular. Cerca de 20 jovens com horários escolares diferentes levam a que a equipa técnica e educativa tenha sempre planeadas rotinas que melhor se adaptem às jovens e a cada dia de semana. É efetivamente verdade que existem horários para acordar, para as refeições, para os banhos e para deitar no entanto esses mesmos horários são flexíveis consoante o dia da semana. O dia-a-dia das jovens que são acolhidas no Instituto Madre Matilde é dividido entre o período de aulas, momentos de estudo na instituição, realização das obrigações diárias que podem ir desde arrumar a cozinha, a varrer alguns espaços. Havendo ainda espaço para atividades extra curriculares no final do dia como dança, ginástica, zumba e natação.

Quem está inteiramente responsável pelo cumprimento destas rotinas é em grande parte a equipa educativa. Segundo Rizzini (1996) geralmente os monitores podem tornar-se pessoas extremamente sérias, ríspidas e autoritárias o que torna o ambiente controlador ao contrário de acolhedor. No entanto, neste Instituto as monitoras são muitas vezes as

peçoas a quem as jovens recorrem para receber um simples mimo ou para contar como foi o seu dia. Não se verificando essa frieza por parte das monitoras existentes nesta instituição.

Capítulo III

Diagnóstico Psicossocial

1. Introdução ao diagnóstico psicossocial

O diagnóstico psicossocial assume-se como um instrumento de fulcral importância para a tomada de consciência e compreensão acerca do problema que está em análise. Para além de ser uma fase determinante de qualquer projeto de intervenção, a sua correta e robusta realização desencadeia, posteriormente, uma também correta e robusta intervenção. Neste sentido, este deve estar presente em todo o processo de intervenção e centrado nas dificuldades a resolver analisando também as potencialidades para que isso seja possível. Para tal, é necessário recolher informação acerca de alguns contextos (determinantes para a sua socialização) em que a criança ou o jovem está e esteve inserido antes de ser institucionalizado.

Neste capítulo vamos então debruçar-nos sob as histórias de vida de algumas jovens em particular. Foram selecionadas oito jovens para integrar o projeto de intervenção, e com as quais trabalhamos ao longo do período de estágio, no entanto, e apenas por economia de espaço neste relatório em concreto, apenas apresentaremos o diagnóstico psicossocial de duas dessas jovens. Cada caso apresentado de seguida foi escolhido com um propósito, mas com estes dois em particular pretendemos dar conta de quão contrastantes podem ser as disposições individuais.

O primeiro caso apresentado – Selena⁶ - refere-se a uma jovem que se entregou bastante ao projeto, participando de forma ativa em todas as atividades e estimulando o restante grupo para a participação nas sessões. Por outro lado, o segundo caso - Shakira⁷ - leva-nos a ponderar que seria importante aplicar projetos semelhantes de forma continuada. Estes dois casos refletem alguns dos comportamentos das restantes jovens que participaram no projeto. Embora seja impossível utilizar apenas estes dois casos para falar do grupo em geral, pois cada jovem tem as suas particularidades, selecionamos estas duas jovens na medida em que apresentaram comportamentos diferentes uma da outra ao longo da execução do projeto, o que, de certa forma, espelha os dois lados dos resultados obtidos com a nossa intervenção, nomeadamente uma jovem que reflete o interesse e empenho de alguns elementos do grupo face ao projeto, por outro lado temos uma jovem que reflete a difícil integração no projeto. A escolha

⁶Selena é uma cantora, atriz, compositora, dançarina, estilista mexicana-americana. Ficou conhecida mundialmente ao estrear a série vencedora do Prémio Emmy, “*Os Feiticeiros de Waverly Place*” exibida pelo Disney Channel.

⁷Shakira é uma cantora, compositora e instrumentista colombiana, além de atuar regularmente como dançarina, coreógrafa, produtora, designer de moda, empresária, atriz, apresentadora de televisão e modelo. Shakira é também embaixadora da Boa Vontade da UNICEF colombiana.

destas duas jovens passa também pelos diferentes motivos que levaram à institucionalização de cada uma, assim conseguiríamos apresentar e trabalhar neste relatório diferentes condições conjunturais de vulnerabilidade.

Todas as jovens envolvidas no projeto começaram por escolher o nome que gostariam de ter caso fossem mencionadas ao longo do relatório. Essa escolha reflete as ambições das jovens em relação a si mesmas e ao seu futuro. É habitual ver os jovens identificarem-se com determinados famosos e ambicionarem ter no futuro as características ou bens materiais dos famosos. Em parte isso é também responsabilidade dos meios de comunicação social que tornam os famosos como um modelo a ser seguido não só a nível de sucesso mas também de beleza. Todavia, isso nem sempre é algo positivo, uma vez que a frustração por não conseguirem alcançar esses ideais pode abalar consideravelmente a vida e a noção de futuro destes jovens. (Zovin, C; 2010)

2. “Selena Gomez” – A sonhadora

2.1. Dimensão familiar

Selena tem atualmente 18 anos e entrou para o Instituto Madre Matilde em Abril de 2010 com 13 anos de idade. Esta jovem é mais uma das muitas crianças vítimas de violência doméstica. Foi institucionalizada devido à ocorrência de episódios constantes de violência por parte do padrasto para com a sua mãe. Além desta situação problemática foram também registados outros problemas como o alcoolismo por parte da sua progenitora e a ausência de competências parentais, ou seja, negligência por parte da mesma. Embora a Selena e o seu irmão mais novo tenham sido institucionalizados em diferentes locais de acolhimento devido à situação de violência doméstica, esta relação de violência manteve-se até que o agressor falecesse. Apesar de a institucionalização ter sido feita devido principalmente ao contexto de violência em que a Selena se encontrava, a incapacidade por parte da sua progenitora em exercer as suas competências parentais e os problemas de alcoolismo acabaram por prolongar a medida de institucionalização. Isto pode efetivamente acontecer com mães vítimas de violência doméstica, que são confrontadas com o comprometimento de um desenvolvimento saudável de uma relação com os seus filhos. (Sani, 2008) As dificuldades experienciadas no exercício da parentalidade materna devido à violência doméstica

podem afetar a qualidade da vinculação com as suas crianças e jovens, (Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro, & Semel, 2003) podendo estas mães fazer uso de práticas educativas menos adequadas.

A nível de relação com a mãe, a Selenia mostra várias vezes que gosta bastante da mãe e que gosta de estar com ela nos fins-de-semana e períodos de férias. No entanto, tendo tido oportunidade de assistir a alguma interação entre ambas, especialmente durante algumas chamadas telefónicas que a Selenia fazia para a mãe, consegui compreender uma certa incapacidade por parte da progenitora em impor regras e desenvolver algum tipo de autoridade perante a filha que de certa forma a manipula, conseguindo assim tudo o que quer, principalmente bens materiais. A mãe da Selenia cede facilmente aos pedidos e exigências da jovem, não conseguindo impor qualquer tipo de limites.

Tendo em consideração as teorias apresentadas por Javier Urras (2007) o nascimento de poucas crianças nas famílias atuais leva a que as que nascem sejam bastante adoradas e mimadas o que pode trazer consequências futuras. A criança habitua-se a pedir e ter tudo aquilo que quer, muitas vezes em compensação da ausência dos pais que se sentem na obrigação de compensarem os filhos com bens materiais. Por isso, torna-se importante que a criança aprenda o significado da palavra “não” que por vezes é pouco utilizada por parte dos pais. Nos casos em que a criança não é educada para receber uma resposta negativa, acaba por ter comportamentos agressivos face a essa resposta quando usada tarde demais. É importante que a criança perceba desde logo que não é a pessoa mais importante da família, mas sim que todos são iguais e que nem sempre todos os seus desejos podem ser atendidos. No caso da jovem Selenia, fiquei com a sensação que desde muito cedo que está habituada a ter tudo o que quer da parte da mãe, o que acaba por originar discussões sempre que a mãe tenta negar-lhe algum pedido.

2.2. Dimensão económica

Em termos económicos, o agregado doméstico de onde Selenia é oriunda revela-se bastante vulnerável a uma situação de pobreza. Com efeito, a mãe da jovem não tinha um trabalho estável e encontrava-se em situação de economia informal realizando trabalhos precários, nomeadamente na área da limpeza, onde conseguia ganhar o

mínimo valor de cinco euros por hora de trabalho. A mãe da Selenia sempre foi o único membro da família a trabalhar, visto que o padrasto da jovem não se encontrava inserido no mercado de trabalho antes de falecer. No entanto, dependia também de transferências sociais nomeadamente o RSI (Rendimento Social de Inserção). Até à data da realização deste relatório esta situação mantinha-se.

Depois de ter acesso ao processo interno da Selenia consegui perceber que estava também perante um caso onde no momento da institucionalização existia aquilo que Paugam (2005) designa como pobreza desqualificante. Segundo o autor, os pobres que se enquadram nesta tipologia estão fora da esfera produtiva devido a situações de longo desemprego, ficando cada vez mais dependentes dos serviços de ação social. Esta situação de precariedade não se reflete apenas nos rendimentos, como também na saúde, alojamento e participação na vida social. Devido à condição de desemprego e dada a dificuldade em conseguir um bom posto de trabalho, estes indivíduos acabam por integrar trabalhos precários o que resulta num acumular de handicaps e consequentemente no seu constante isolamento social. Esta situação pode levar a uma rutura de laços sociais que consequentemente leva a uma situação de exclusão social. (Paugam, 1996)

Até à data da realização deste relatório a mãe da Selenia demonstrava uma enorme vontade em conseguir um emprego estável e mais tarde ter novamente a guarda dos filhos. Esta vontade de mudança e a luta constante da mãe da jovem para conseguir ter um emprego, encontrando-se sempre ativa mesmo que em situação de trabalhos precários na área das limpezas domésticas, leva-nos a ponderar que ainda não esteja numa clara situação de exclusão social.

2.3. Dimensão territorial

A jovem e a sua família habitavam numa zona considerada de risco situada numa freguesia⁸ do concelho de Vila do Conde. A zona que habitavam, e que atualmente ainda é o local onde a mãe da jovem habita, era considerada de risco uma vez que é uma zona pobre, um bairro social, bastante isolado o que tinha como consequência uma exclusão do bairro em relação à restante cidade. Os habitantes do

⁸ Por questões de confidencialidade não vamos revelar qual a freguesia.

bairro estavam dependentes dos locais de comércio, saúde e educação situados na cidade que ficava consideravelmente longe para pessoas que apenas se podiam deslocar a pé. Dada a situação de isolamento foram-se gradualmente instalando no bairro atividades marginais. Passou a ser frequente para os habitantes verem pelas ruas situações de consumo e tráfico de droga. Segundo informações da gestora de processo da Selenia a casa onde habitava, embora seja uma casa pequena e humilde, não se encontra degradada.

A marginalização de territórios acontece quando estes são ocupados por pessoas ou atividades consideradas marginais. Geralmente habitam nestas zonas famílias pobres e pessoas com comportamentos desviantes. (Salgueiro, 1998) Estes territórios acabam por ser esquecidos pelos poderes políticos ou investidores o que leva a que não haja um investimento e melhoramento desses territórios que acabam por se tornar zonas apelativas à instalação de atos marginais, com maus acessos e habitações cada vez mais degradadas. (Salgueiro, T; 1998)

O facto de estas crianças nascerem e crescerem em territórios com as condições apresentadas leva a que estejam mais expostas e vulneráveis a adquirir conhecimentos e desenvolver comportamentos desviantes, consequência da exposição próxima aos mesmos. No caso da Selenia, tal não se afigura visto ser uma jovem com uma conduta considerada normal para os jovens da sua idade. Estará na origem desta normalidade a eventual institucionalização numa fase importante da sua estruturação identitária, nomeadamente aos 12 anos de idade.

2.4. Dimensão educacional

À data da realização deste relatório, a Selenia frequenta o 11º ano de escolaridade e vê a sua atual condição de vida como um meio para conseguir ter um futuro melhor, futuro esse que segundo palavras da mesma “*não teria em casa*”. Selenia pretende manter-se na instituição até entrar na faculdade, tendo como objetivo morar numa residência universitária durante a semana e estar na casa da mãe ao fim-de-semana, visto que atualmente já se encontra a passar todos os fins-de-semana e períodos de férias com a progenitora. Esta jovem além de ser uma excelente aluna é anualmente premiada com bolsas de mérito que guarda para futuramente investir na sua formação académica.

Selena é uma jovem que apresenta comportamentos responsáveis o que a leva a conseguir ter noção de que caminhos deve escolher em seu proveito. A nível profissional, a jovem gostava de seguir a área da psicologia e “*ajudar os que mais precisam*”, segundo a mesma.

2.5. Participação no grupo de intervenção

Atribuímos à Selena o adjetivo “sonhadora” pois é essa a imagem que ela passa desde o primeiro dia que alguém a conhece. Uma jovem com um sorriso fácil, com um discurso bastante positivo onde em cada conversa conta um dos seus sonhos. Selena Gomez foi o nome que escolheu para a representar neste relatório com a seguinte justificação:

“É uma das minhas cantoras preferidas desde que era pequena e faz-me lembrar a infância. Como eu também gosto de cantar e gostava de um dia poder realizar esse sonho gostava que a doutora usasse esse nome no seu trabalho quando fosse falar de mim.” - Selena

De todas as jovens, Selena foi a mais receptiva ao projeto de intervenção que apliquei. Sempre demonstrou desde a primeira sessão uma postura bastante confiante no grupo e assumiu desde logo a posição de líder. Em todas as sessões mostrou-se participativa, curiosa e interessada em aprender um pouco mais sobre cada tema que era abordado. Selena acabou por tornar-se num incentivo para as restantes jovens, visto que em alguns momentos era ela quem estimulava o grupo a participar. Numa conversa final com a jovem, esta confidenciou-me que gostou bastante de poder trabalhar num grupo onde sentiu que realmente a sua voz foi tida em consideração e que em simultâneo adquiriu diferentes conhecimentos.

À luz do trabalho de Eric Berne sobre os estados que compõem a estrutura pessoal do indivíduo, já identificamos o estado parental, o estado adulto e o estado criança, estando o último relacionado com a parte emocional, com os acontecimentos agradáveis e desagradáveis que marcam a estrutura pessoal do indivíduo mesmo que ele não tenha consciência disso. Dentro do estado criança é possível encontrar diferentes tipos de categorias que abrangem diferentes comportamentos. Selena encontra-se na categoria de “*pequeno professor ou criança criativa*”. Esta categoria reflete o estado do

EU que se manifesta pela criatividade e invenção. A jovem enquadra-se nesta categoria pela curiosidade e o desejo de saber, de compreender tudo o que a rodeia e resolver todos os problemas. A sua confiança em si mesma e nas suas capacidades é igualmente uma característica que a define claramente e a engloba nesta categoria. Em relação ao propulsor⁹, ou seja, o que determina a ação do sujeito, a Selena encontra-se no grupo do “*Propulsor 2 – Sê perfeito*”. A nível comportamental demonstra ser uma pessoa que procura a perfeição e evita cometer erros. Bastante atenta aos detalhes, apresenta sempre trabalhos de excelente qualidade. No entanto pode encontrar alguns inconvenientes, tais como, a desilusão pessoal que sente sempre que comete um erro. (Fachada, 2006)

2.6. Motivo da institucionalização – Violência doméstica

Não podia terminar este diagnóstico sem fazer uma referência à problemática presente no caso da Selena, isto é, ao motivo da sua institucionalização, a violência doméstica. Como já tive oportunidade de explicar anteriormente neste relatório, a violência doméstica é um problema social que tem vindo a ganhar uma grande visibilidade nos últimos anos, não sendo dessa forma um acontecimento recente na nossa sociedade. As crianças expostas à violência doméstica eram consideradas vítimas invisíveis (Osofsky, 1995) no entanto nos dias de hoje isso já não se verifica, visto que a visibilidade que este problema ganhou, fez com que os serviços sociais e de saúde dessem mais importância ao papel da criança nestes casos.

Segundo Sudermann & Jaffe (1999) crianças são efetivamente afetadas pela violência doméstica, uma vez que atos de violência quando praticados pelo pai ou mãe possuem um maior impacto negativo para a criança. O facto de estas crianças terem sido expostas a situações de violência constitui por si só uma forma de abuso emocional/psicológico, que interfere no desenvolvimento global de uma criança.

⁹ Ver tabela no anexo 7

3. “Shakira” – Diamante em bruto

3.1. Dimensão familiar

Shakira é uma jovem de 16 anos que foi institucionalizada com 15 anos juntamente com a irmã que tem atualmente 18 anos, por problemas de negligência por parte dos progenitores e histórico de alcoolismo por parte de ambos. Além destes fatores de risco verificou-se outro que teve um peso significativo na institucionalização desta jovem, nomeadamente o seu envolvimento com um homem casado, com cerca de 50 anos. Shakira acreditava que a relação que mantinha com este indivíduo era efetivamente uma relação estável e que tinha por base sentimentos da parte dele, no entanto não era essa a realidade. A mãe da Shakira vendia a filha a esse indivíduo, dando autorização para que ele tivesse encontros com a jovem, com a condição de receber bens materiais por parte desse indivíduo. Esta relação acabou por resultar numa gravidez indesejada quando a Shakira tinha 15 anos que terminou num aborto forçado pela sua mãe e pelo indivíduo com quem esteve envolvida.

Shakira e a sua irmã foram institucionalizadas em Abril de 2014 e neste momento não há possibilidade de haver uma mudança nesta medida, visto que as condições dos seus progenitores não melhoraram.

3.2. Dimensão económica

Os progenitores desta jovem encontram-se numa situação bastante instável e vulnerável não só a nível de rendimentos, uma vez que são desempregados e sobrevivem com transferências sociais, mas também a nível habitacional, educacional e social. São um casal que demonstra uma enorme inadaptação ao mundo social moderno, não demonstrando interesse em conseguir trabalhar e preferindo seguir caminhos pouco convencionais, ou mesmo ilegais, como se refere à disponibilização de serviços sexuais da filha em troca de bens materiais. Até à data da institucionalização da jovem era apenas com essas recompensas que sobreviviam. Em situações pontuais recebem ajudas alimentares de familiares próximos. Tendo em conta estas características e levando em consideração a teoria de Serge Paugam (2005) podemos apontar a pobreza marginal como o tipo de pobreza presente neste caso. Esta situação de pobreza acaba por

aumentar o estigma em torno destes casos sociais e consequentemente o seu isolamento social.

Este casal não demonstra vontade de mudança, nem capacidade de adaptação às normas da sociedade preferindo criar as suas próprias normas de vida. Parece-nos perceptível uma rutura com os laços sociais (Paugam, 1996) não só a nível de trabalho, dado estarem em situação prolongada de desemprego, mas também em relação às regras e valores da sociedade. Sendo assim, consideramos estar perante uma situação de exclusão social.

3.3. Dimensão territorial

A jovem, a sua irmã e os progenitores habitavam numa freguesia¹⁰ da Póvoa de Varzim. Tal como podemos ver no caso apresentado anteriormente, também esta jovem habitava numa zona problemática, nomeadamente um bairro social bastante degradado, no entanto nesta verificam-se mais atos considerados marginais, tais como, consumo de droga, roubos e situações de violência nas ruas. Pontualmente acontecem situações de assédio a jovens que passem pelas zonas onde se concentram os grupos problemáticos. Os habitantes deste bairro, tal como acontecia no caso anterior, estão também dependentes da cidade para tudo o que necessitam, no entanto este bairro em questão é identificado como uma zona perigosa e de conflito o que cria também um estigma em torno dos seus habitantes e leva consequentemente a um isolamento e afastamento por parte das restantes pessoas da sociedade. Segundo informação fornecida pela gestora de caso desta jovem, a habitação onde moravam é bastante degradada com poucas condições para residir. Como referimos anteriormente, o território onde as crianças moram e crescem pode efetivamente influenciar as suas condutas. No caso da Shakira é visível a presença de comportamentos desviantes, nomeadamente no não cumprimento de regras, na forma como responde aos adultos e também pelo facto de ter como grupo de amigos os jovens mais conflituosos da sua escola. Isto leva-nos a ponderar que o atraso na sinalização deste caso e consequentemente a tardia institucionalização aos 15 anos de idade levou a que a jovem tivesse como único exemplo a seguir os comportamentos que a rodeavam.

¹⁰ Por questões de confidencialidade não referimos o nome da freguesia.

3.4. Dimensão educacional

No momento de redação deste relatório, Shakira está a frequentar um curso de equivalência ao 9º ano de escolaridade numa escola de ensino especial. Esta jovem foi sinalizada como tendo uma debilidade, nomeadamente um atraso cognitivo, o que a impossibilita de frequentar o ensino regular, segundo informação da técnica que a acompanha. Neste curso ela frequenta disciplinas que nada mais são do que ensinamentos de rotinas para uma possível independência.

Ao longo do projeto que desenvolvi com o grupo, consegui efetivamente perceber que a jovem Shakira sente bastantes dificuldades em responder a perguntas por escrito e ler grandes textos. A existência deste tipo de cursos é efetivamente uma vantagem visto que valorizam a independência dos jovens que os frequentam e tentam transmitir ferramentas uteis para as suas vidas.

A nível de projetos para o futuro, Shakira não elaborou até à data deste relatório nenhum projeto a longo prazo para a sua vida. A jovem sente uma enorme vontade em sair da instituição e voltar para a família, no entanto não cria nenhum projeto profissional para o futuro. Quando questionada sobre o assunto a jovem diz:

“Com o tempo arranjo qualquer coisa. Num café ou assim. Eu sei lá o que vou fazer.” – Shakira

Esta é uma das jovens que despertou a minha preocupação no que diz respeito ao seu futuro. Embora o melhor caminho seria optar por uma medida de autonomização de vida, penso que essa não será utilizada dadas as suas fragilidades, acabando muito provavelmente por voltar para uma família completamente disfuncional.

3.5. Participação no grupo de intervenção

A jovem que é identificada ao longo deste relatório com o nome Shakira leva-nos a refletir sobre a importância deste tipo de projetos em instituições de acolhimento a jovens em risco. Uma jovem bastante introvertida que dificilmente deixa que as pessoas cheguem até si. Esta jovem escolheu o nome Shakira pois segundo ela é uma personalidade bastante divertida e descontraída, que ela sempre admirou. Escolheu alguém que é o seu oposto como reflexo daquilo que gostaria de ser.

A melhor forma de descrever esta jovem é efetivamente com a pequena frase “diamante em bruto”. A Shakira é uma jovem que apresenta algumas debilidades e é desvalorizada por isso. Quem não perde um pouco do seu tempo a conhecer esta jovem é capaz de a desvalorizar pelo seu ar hostil, no entanto depois de perder um bom tempo a tentar chegar até ela percebi que é uma jovem doce, meiga e inteligente, que infelizmente muitos não conhecem nem valorizam pelo prévio julgamento que fazem.

De todas as jovens escolhidas para o grupo, Shakira era a que eu tinha mais curiosidade de ver no contexto de grupo, no entanto era também a que me preocupava mais. Ao debruçar-me sobre os trabalhos de Pedro Strecht encontrei um pequeno excerto que descreve na perfeição esta jovem. Passo então a citar:

“(…) reparo no contraste entre os seus corpos crescidos, as roupas agressivas, o jeito de quem sabe muito da vida e os seus olhares infantis que ainda procuram a confirmação da existência pelo outro, numa dependência que só os meninos têm.” (Strecht, 2002)

Shakira tem uma postura bastante hostil e pode realmente chegar a ser agressiva verbalmente para as pessoas, no entanto depois de se dar a conhecer mostra uma menina com muitas cicatrizes abertas à espera que alguém lute por ela. O facto de esta jovem não ter desenvolvido harmonicamente a sua personalidade leva a que seja necessário um maior investimento por parte de um adulto que lhe passe esperança e acredite incondicionalmente nela. Luta essa onde seria necessário fazer com que o amor e a força fossem superiores à dor emocional que ela viveu anteriormente. Para isso será necessário um grande investimento e uma longa luta para que seja resgatado o lado mais saudável desta jovem. (Strecht, 2002)

Tendo novamente em atenção o trabalho de Eric Berne sobre os estados que compõem a estrutura pessoal do indivíduo, que já referi anteriormente, Shakira enquadra-se na categoria “*rebelde*” pelos comportamentos negativos, agressivos e de oposição. No entanto, no que diz respeito ao propulsor esta jovem enquadra-se em algumas das características do grupo “Propulsor 3-Agrada-me”. As características que me levam a incluir a Shakira neste grupo é o fato de em diversos momentos a jovem deixar que a sua voz seja esquecida e que a sua opinião seja confundida com a da maioria. (Fachada, 2006)

3.6. Motivo da institucionalização: Negligência parental e abuso sexual

Embora o problema mais traumático na história de vida desta jovem seja efetivamente o aborto contra a sua vontade, a problemática que terá dado origem à institucionalização da jovem foi efetivamente a negligência parental. Todavia é possível perceber a existência não só de abuso sexual como também do crime de lenocínio¹¹. Embora a Shakira visse a relação que tinha como algo saudável, esta nada mais era do que uma troca de favores sexuais por bens materiais, mesmo que sem o conhecimento da jovem. Portanto existiu de fato um caso de abuso sexual que pode passar despercebido dado o (aparente) consentimento da jovem.

Como já referi anteriormente neste relatório, a negligência é um dos tipos do mau trato infantil mais difícil de materializar, assim muitas vezes estes casos só chegam ao olhar dos profissionais em situações já muito agravadas, como foi o caso da Shakira, comprometendo a integridade física e psíquica da criança. São múltiplos os fatores de risco associados à negligência parental, nomeadamente a falta de recursos materiais derivados da pobreza. (Bondarenko, 2008)

Em relação à situação traumática que Shakira vivenciou, consequência da negligência por parte da sua progenitora, é possível afirmar que ainda hoje é um assunto bastante delicado para a jovem. Numa das sessões pedi ao grupo que escolhesse um tema para ser debatido, sendo o aborto o eleito. Assim que me apercebi da situação e reparei no desconforto demonstrado por parte da jovem assim que foi enunciado o tema vencedor, tentei de forma subtil mudar o tema, no entanto a jovem levantou a voz e afirmou:

“Não mude doutora, eu quero falar sobre esse tema.” - Shakira

Embora com algum receio do resultado, autorizei a realização do debate. No entanto o grupo da jovem escolheu argumentar a favor do aborto e no momento em que o grupo estava reunido a trabalhar os seus argumentos a jovem começou a demonstrar

¹¹ O crime de lenocínio está presente no código penal português no artigo 169º da secção I “crimes contra a liberdade sexual” do capítulo V “crimes contra a liberdade e autodeterminação sexual”.

desconforto e rapidamente começa a chorar. De imediato retirei-a da sala e tentei acalmá-la. Este é efetivamente um dos momentos que me tocou emocionalmente, principalmente quando a jovem se abraçou a mim, a mesma que tem um aspeto frio e agressivo e pede entre lágrimas:

“Eu não quero falar disso por favor.” – Shakira

Este momento fez-me refletir se tem existido um verdadeiro trabalho com esta jovem de forma a ultrapassar esta experiência traumática. Fez-me questionar sobre o trabalho que é feito com estes jovens institucionalizados por se encontrarem em situações de risco. Assim que tentei saber um pouco mais sobre o tratamento que estava a ser realizado com a jovem, apenas consegui saber que está a ser acompanhada pelo psicólogo da instituição, no entanto durante os longos meses em que lá estive não tive conhecimento de nenhuma consulta.

O aborto provocado é uma experiência traumática para uma mulher, principalmente quando feito contra a sua vontade. O aborto é algo físico que provoca antes de mais uma alteração no sistema nervoso e consequentemente um impacto na personalidade da mulher. É efetivamente necessário recorrer a terapia para ultrapassar esse trauma e conseguir da melhor forma ultrapassar o luto pelo filho que estava a ser gerado. Podem ocorrer três fenómenos psíquicos em mulheres que realizaram um aborto, sendo eles, os sentimentos de culpa, depressões e pesadelos. A longo prazo isso pode gerar depressões profundas, doenças psicossomáticas e desordens nervosas. (Pinto, 2003)

Por último é importante falar do abuso sexual presente neste caso. A exploração sexual com o objetivo de satisfazer o perpetrador ou terceiros são efetivamente formas de abuso sexual. (Maia, 2012) Experienciar este tipo de situação pode trazer um enorme trauma para a vida da vítima que em grande parte dos casos apenas é ultrapassado com ajuda de um profissional.

Capítulo IV

Projecto de intervenção

1. Introdução ao projeto e intervenção

Partindo dos problemas identificados nas páginas anteriores, nomeadamente na sequência da elaboração do diagnóstico socioinstitucional e psicossocial assinalamos como de grande importância a elaboração de um projeto de intervenção no qual a palavra e o diálogo fossem os principais atores.

Tal como já referimos anteriormente neste relatório, a conversa é algo fundamental no trabalho com crianças em risco. A vida do indivíduo assemelha-se a um aparelho de conversação que sem sofrer interrupções mantém, modifica e reconstrói a sua realidade subjetiva. Para tal é necessária a existência de conversas significativas. Segundo Berger & Luckmann (2010) com uma simples conversa conseguimos realizar a manutenção da realidade subjetiva do indivíduo mas também modifica-la caso seja necessário. Algumas destas crianças que vivenciaram situações de risco e passaram grande parte da sua socialização primária em famílias desestruturadas apresentam dificuldades em estar num contexto de conversa e apresentam também conceitos que precisam ser alterados. Da mesma forma que o aparelho de conversação faz contínua manutenção da realidade, também está sempre a modificá-la. Nessa mudança, certos pontos são abandonados e outros acrescentados. Podendo ainda levar ao enfraquecimento de setores tidos como garantidos e reforçar outros. Havendo desta forma um processo de ressocialização. (Berger & Luckmann; 2010)

Com efeito, e como já tivemos oportunidade de referir, o projeto de intervenção que desenvolvemos na instituição teve como objetivo fundamental trabalhar a conversa significativa com as jovens aí institucionalizadas. Retomamos aqui o conjunto de objetivos que presidiram à realização deste trabalho.

O principal objetivo da criação de espaços de conversa significativa passa por comprovar a importância do diálogo e do debate organizado de ideias junto destas jovens. O diálogo é uma ferramenta valiosa e que deve ser utilizada no processo de socialização primária. Este processo de socialização geralmente ocorre junto da família mais próxima da criança, e é com estes familiares que o menor vai adquirindo competências sociais e acima de tudo começa a fazer uma distinção entre o que é socialmente aceite daquilo que é punido pela sociedade. (Berger & Luckmann, 1973) Uma vez que estas jovens foram retiradas, por diversos motivos, do seu contexto familiar é importante que os novos responsáveis pelo seu processo de socialização empreguem algum tempo para ouvir e conversar com elas. Com este projeto

pretendemos mostrar a importância de apostar na criação destes mesmos espaços, conseguindo assim intervir com estas jovens não só com o objetivo de fornecer ferramentas de diálogo e debate, como também em conseguir, através de um espaço informal de conversa significativa, prevenir a ocorrência de determinadas situações de risco a que estas jovens estão particularmente mais vulneráveis.

Posto isto, consideramos importante trabalhar com estas jovens a importância da conversa significativa no âmbito de um grupo onde pudessem falar livremente sobre temas da atualidade, adquirindo novos conhecimentos e moldando os antigos. Desta forma poderiam também aprender a lidar com sentimentos de frustração e a assumir uma postura mais adequada em público, nomeadamente, respeitar a opinião dos outros e apresentar argumentos válidos numa discussão.

2. Planificação

Foram escolhidos três temas principais para os três meses de sessões de conversa significativa realizadas com as jovens. O primeiro tema a ser abordado foi a liberdade de expressão. Este tema foi escolhido não só pelo fato de a primeira sessão ser em Abril de 2015, mas também por fazer todo o sentido trabalhar com as jovens um aspeto importante deste projeto, a liberdade das mesmas em exprimirem-se. Visto ser um projeto que tem como caminho de trabalho junto das jovens a vertente do diálogo pareceu-nos de todo adequado começar por limar algumas arestas neste tema.

Tabela 1. Planificação do mês de Abril - “Liberdade de expressão”

Sessão	Tema	Duração	Tarefas realizadas	Objetivos	Recursos humanos e materiais
Nº 1	“De que lado ficas?”	1 hora	Apresentação do projeto; Escolha do tema para o debate; Definição dos grupos;	Trabalhar o espírito de equipa; Trabalhar a organização do trabalho em grupo;	Papel; Canetas; Computador com ligação à internet;
Nº 2	“Vamos debater?”	1 hora	Atividade do debate;	Trabalhar a importância do debate de ideias; Trabalhar a importância do respeito face a diferentes opiniões;	Computador; Cartolinas com recortes;
Nº 3	“25 de Abril: O antes e o depois!”	1 hora	Discutir a mudança no nosso país depois do 25 de Abril de 1974;	Perceber a importância do 25 de Abril de 1974 no que diz respeito à liberdade de expressão; Perceber os limites da liberdade de expressão;	Músicas da época; Jornais publicados antes da revolução; Cravos vermelhos para decorar a sala;

No segundo mês de sessões o tema escolhido foi a adolescência. Visto que a adolescência é uma fase de mudanças, de opções e escolhas e dado estar a trabalhar com jovens vindas de contextos de risco o que as torna mais vulneráveis a determinadas escolhas, consideramos pertinente abordar o assunto com o grupo.

Tabela 2. Planificação do mês de Maio – “Ser adolescente no século XXI”

Sessão	Tema	Duração	Tarefas realizadas	Objetivos	Recursos humanos e materiais
Nº 4	“Ser jovem é...”	1 hora	Apresentação do novo tema às jovens; Visualização de uma pequena parte de um filme que irá servir como ponto de partida para a discussão do tema;	Perceber qual o significado de “adolescência” para elas; Perceber quais os aspetos positivos e negativos da adolescência na perspectiva de cada jovem;	Computador; Filme “ <i>Confissões de adolescente</i> ” de Daniel Filho;
Nº 5	“Problemas de um adolescente!”	1 hora	Abordar alguns dos principais problemas que surgem na adolescência (álcool, drogas, bullying); Realização de um cartaz de sensibilização contra o bullying;	Perceber a importância do grupo de pares na tomada de decisões; Perceber as consequências do bullying; Consciencializar as jovens para o tema do bullying;	Cartolina; Imagens retiradas da internet; Marcadores;
Nº 6	“Sou quase adulto e agora?”	1 hora	Falar sobre a importância da tomada de consciência e responsabilidade com o passar dos anos;	Consciencializar as jovens para a importância de criarem objetivos de vida para o momento em que abandonarem a instituição;	Músicas da época; Jornais publicados antes da revolução; Cravos vermelhos para decorar a sala;
Nº 7	“Chegou a hora do debate!”	1 hora	Debate sobre um tema escolhido e trabalhado por dois grupos;	Desenvolver a capacidade de argumentação;	Computador; Cartazes;

Por último, no mês de Junho de 2015 que acabou por estender-se até Julho de 2015, foi trabalhado o tema da igualdade de género. Uma vez que este projeto foi aplicado numa instituição que acolhe jovens do sexo feminino, resolvemos trabalhar com estas jovens o tema da igualdade de género e da violência que pode existir numa relação dado a inferiorização da mulher que ainda acontece em pleno século XXI. Estas jovens já vivenciaram relações de risco e embora algumas sintam repulsa pela forma como viam as suas progenitoras serem tratadas, a verdade é que muitas acabam por

interiorizar esse tipo de atos violentos como sendo normais numa relação íntima, muitas vezes vistos como manifestações de ciúmes, e, nesse sentido, desculpáveis.

Tabela 3. Planificação do mês de Junho – “Ser mulher em Portugal”

Sessão	Tema	Duração	Tarefas realizadas	Objetivos	Recursos humanos e materiais
Nº 8	“Ser mulher em Portugal!”	1 hora	Falar sobre o papel da mulher em Portugal; Comparar a evolução do papel da mulher na sociedade portuguesa;	Alertar para as desigualdades existentes entre a mulher e o homem; Consciencializar as jovens para a luta pela igualdade;	
Nº 9	“Eu digo Não à violência doméstica/violência no namoro!”	1 hora	Visualização de imagens relacionadas com o tema; Realização de uma campanha contra a violência no namoro;	Alertar as jovens para a violência nas relações; Fornecer estratégias de prevenção e intervenção;	Camara de filmar; Guião; Imagens;
Nº 10	“Preparação da caminhada de sensibilização”	1 hora	Elaboração das camisolas utilizadas na caminhada;	Envolver as jovens na preparação da atividade;	Camisolas brancas; Tinta para tecidos; Letras feitas em papel eva;
Nº 11	“Caminhada de sensibilização “Quebre o silêncio!”	3 horas	Caminhada pela cidade da Póvoa de Varzim; Aula de zumba na praia;	Dar voz ativa ao grupo e incentivar a prevenção; Incentivar as jovens a lutarem de forma pacífica pelas causas em que acreditam;	Camisolas com mensagens de prevenção; Sistema de som disponibilizado pelo café “Náutico”; Professora de zumba;
Nº 12	“Ação de sensibilização dinamizada pela APAV sobre a violência no namoro!”	2 horas	Sensibilização sobre a violência no namoro; Apresentação da campanha contra a violência no namoro realizada pelas jovens;	Prevenir situações de violência nas relações de intimidade das jovens; Fornecer ferramentas de prevenção e intervenção em situações de violência no namoro;	Técnica da APAV do Porto; Computador; Datashow;

3. Execução

Com o tema abordado no mês de Abril, conseguimos perceber os limites que cada uma tem em relação à sua própria liberdade e constatamos que são poucas as que colocam um limite, no entanto todas as jovens se mostraram pouco toleráveis no que toca a opiniões contrárias. Ao longo de todo o mês foram utilizados alguns materiais para trabalhar este tema. A planificação previamente pensada para este mês foi cumprida tal como planeado.

Começamos este mês por apresentar o projeto às jovens que sentiam não só uma enorme curiosidade para conhecer o conteúdo do mesmo, mas sobretudo receio pois pensavam que teriam que expor as suas histórias de vida perante o grupo. Passo a citar alguns dos comentários proferidos pelas jovens no final da apresentação do projeto.

“Sempre que dizem que temos que conversar com alguma doutora é para falarmos das coisas que aconteceram.” – Jovem A (18 anos)

“Eu pensava que íamos falar dos motivos para estarmos aqui no colégio.” – Selenia (17 anos)

“Não estava à espera que fosse para isto, mas gostei, acho vai ser fixe!” – Jovem D (16 anos)

Depois de esclarecer todas as dúvidas consideramos pertinente iniciar este projeto com a organização de um debate. Uma vez que este projeto tem como ator principal o diálogo e está também muito envolvido nas questões relacionadas com as posturas de jovens institucionalizadas perante um debate, resolvemos verificar logo numa primeira sessão como reagem as jovens em contexto de debate, para que fosse possível ajustar o nosso projeto mediante as características da população-alvo. Nesta sessão conseguimos ter uma ligeira noção dos temas que despertam mais interesse às jovens, como foi também possível perceber quais aqueles que causam desconforto quando relacionados com as suas histórias de vida. O facto de haver temas que causam grande desconforto a alguma jovem em particular¹² mesmo depois de tanto tempo de

¹² Situação do tema “aborto” explicada no diagnóstico psicossocial da jovem com o nome “Shakira”.

institucionalização, ao ponto da jovem não conseguir falar sobre esse tema, leva-nos a supor que, para além do impacto negativo que algum acontecimento teve na sua vida, nada terá sido feito na instituição para que a jovem pudesse confrontar-se com o mesmo e, na sequência de vários diálogos estruturados e significativos, ultrapassá-lo.

Na segunda sessão realizamos o debate que tinha sido preparado na sessão anterior. O tema escolhido foi a pena de morte, onde um grupo defendia a tese em questão e outro refutava. Esta sessão foi bastante conflituosa pois as jovens não demonstravam saber como agir num debate. As jovens assumiram comportamentos de frustração por não conseguirem defender o seu ponto de vista, utilizando expressões agressivas e tendo mesmo uma das jovens abandonado a sala. O excerto da nota de campo registada que a seguir apresentamos é disso demonstrativa:

“As jovens mostraram não estarem preparadas para um contexto de debate. Foram visíveis comportamentos de frustração por não conseguirem convencer o público das suas visões sobre o tema (jovem A saiu da sala) e respostas agressivas quando se viam sem argumentos (ex: «isso dizes tu, nem sabes do que estás a falar, está calada mas é»).” (Nota de campo dia 22 de Abril de 2015)

A frustração está associada à motivação e manifesta-se quando o indivíduo não é capaz de satisfazer um desejo (Fachada, 2006), que neste caso seria conseguir convencer os restantes elementos do grupo da sua própria posição em relação ao tema. No final do debate quando os grupos se encontravam mais calmos foi possível refletir com o grupo as atitudes que haviam tido. Esta sessão foi de extrema importância para o projeto pois ajudou-nos a perceber o que seria possível fazer para ajustar o projeto ao grupo e às suas necessidades. Percebemos que seria importante trabalhar com as jovens o sentimento de frustração face às opiniões contrárias bem como estratégias de debate.

Na última sessão falamos sobre a essência do 25 de Abril de 1974, nomeadamente a importância da liberdade de expressão conseguida simbolicamente nesse dia. Para tornar o tema mais interessante para as jovens, sem que vissem esta sessão como mais uma “aula” sobre a história da revolução dos cravos, resolvemos levar até às jovens provas físicas da mudança que esse dia trouxe a nível de liberdade.

Levamos para a sessão músicas da época e atuais, assim como jornais¹³ de forma a mostrar que algo que é tão banal para elas nos dias de hoje, como a música ou uma notícia de jornal, em outros tempos poderia ser alvo de censura. Com esta sessão pretendíamos não só transmitir conhecimentos culturais e históricos às jovens, mas também trabalhar a importância da liberdade de expressão e acima de tudo o quão importante é saber usar essa mesma liberdade. O grupo recebeu bem este tema principalmente pela forma como foi abordado e assumiram terem adquirido conhecimentos que não tinham sobre esse dia histórico.

“Já tinha dado isto em história mas nunca liguei muito. Mas gostei de ver as coisas da altura, não tinha nada a ver com agora.” – Jovem G (17 anos)

“Ai eu não sei se me calava! Eu digo tudo o que penso queria lá saber!” – Jovem B (15 anos)

No segundo mês de sessões, nomeadamente o mês de Maio de 2015 trabalhamos o tema da adolescência. Ao abordar este tema pretendíamos conseguir chegar até assuntos mais delicados que estão diretamente relacionados com esta fase da juventude, nomeadamente o bullying, os caminhos escolhidos sob a influência do grupo de pares e a violência nas relações de intimidade.

Na primeira sessão deste mês fizemos uma breve introdução ao novo tema através de um pequeno excerto de um filme que conta a história de um grupo de adolescente. Com base nesse vídeo demos início a uma conversa simples sobre a perspectiva das jovens em relação à temática da adolescência. A nossa população-alvo encontra-se na fase da adolescência e dado serem jovens de risco conseguimos nesta conversa perceber as diferentes perceções das jovens em relação aos aspetos positivos e negativos da adolescência. Em sete jovens, quatro referiram que o centro da adolescência passa pelas relações amorosas, fazendo disso o foco das suas atenções. As restantes jovens referiram as *“melhores amigas”* como o mais importante na fase da adolescência. O facto de grande parte do grupo considerar as relações amorosas como o mais importante nesta fase de descobertas, pode e deve ser algo a ter em consideração pelos técnicos responsáveis uma vez que esta enorme dependência face à relação

¹³ Ver anexo 8

amorosa por parte de jovens que já estiveram expostas a situações de violência nas relações (nomeadamente entre progenitores) pode resultar em vitimização por parte das mesmas que focalizam bastante as suas vidas na importância de ter uma relação amorosa. Segundo um estudo realizado por Sparks, Genn e Dodd (1977) existe uma grande probabilidade de vítimas de crimes de forma direta ou indireta serem novamente vítimas. Com esta sessão percebemos como é importante ter conversas significativas com estas jovens pois através de uma simples conversa sobre um tema tão abrangente conseguimos tirar informações uteis e importantes para o trabalho de intervenção com as mesmas.

Na segunda sessão abordamos alguns dos aspetos negativos que podem surgir durante a fase da adolescência. Uma vez que na altura em que foi realizada esta sessão o bullying era um tema bastante abordado na comunicação social resolvemos levar este problema da atualidade para discutir em grupo, embora inicialmente não estivesse estipulado na planificação. Depois de falar um pouco sobre o tema em si e sobre as notícias publicadas na altura, conseguimos que as jovens dessem não só as suas opiniões sobre este problema, mas também relatassem experiências já vividas. Em sete jovens quatro dizem ter sido vítimas de bullying no início da adolescência, uma diz ter praticado bullying e duas dizem ter conhecimento de alguém próximo que foi vítima.

“Sim, já fui vítima de bullying verbal, mas apenas respondia da mesma maneira ou ignorava.” – Jovem A (18 anos)

“Uma rapariga que já ‘teve aqui na instituição foi vítima e na altura pediu-me para a ajudar a evitar o grupo na escola.” – Selenia (17 anos)

“Já chamei nomes a uma rapariga da minha antiga escola antes de vir morar aqui. Era quando as coisas estavam mal em casa e eu só fazia asneira na escola.” – Jovem D (16 anos)

Todas as jovens mostraram-se sensíveis ao tema, mesmo a jovem que diz ter praticado atos de bullying nomeadamente ofensas verbais a uma colega. Por iniciativa das jovens foi realizado um cartaz com a mensagem *“Diz NÃO ao Bullying!”* que foi posteriormente afixado na instituição.

Na terceira sessão o tema escolhido passou pela importância dos sonhos na adolescência. Estas jovens institucionalizadas estão familiarizadas com o termo “*projeto de vida*”¹⁴. No entanto são poucas as que realmente participam na elaboração do seu projeto. Em sete jovens apenas duas apresentam desejos para o futuro e acima de tudo apresentam caminhos possíveis para conseguirem alcançar esses desejos. As restantes estão dependentes daquilo que alguém decidir para o seu futuro. Uma vez que são jovens que viveram grande parte das suas vidas em instituições, consideram-se menos capazes de conseguirem lutar pelos seus sonhos. Nesta sessão pretendíamos mostrar que o facto de serem jovens institucionalizadas em nada compromete os seus futuros, podendo fazer planos, ter sonhos e lutar por eles. Estas jovens vivenciaram situações complicadas que por vezes podem resultar numa descrença para consigo mesmas, e é nesse sentido que os técnicos de intervenção social que trabalham com elas são chamados à responsabilidade, na medida em que deverá ser esse corpo profissional aquele que, trabalhando contínua e estruturadamente com estas jovens, deve mostrar acreditar nas suas capacidades. Nesta sessão as jovens deitaram-se no chão de forma confortável e de olhos fechados e enumeraram aquilo que gostavam de ser ou ter no futuro. De seguida organizamos um pequeno diálogo sobre esses sonhos anteriormente enumerados e em grupo tentamos criar estratégias para que cada uma consiga trabalhar pelo seu sonho.

Nesta sessão aconteceu algo bastante curioso com uma das jovens mais introvertidas do grupo. Durante a sessão esta jovem disse algo que considero pertinente destacar neste relatório para evidenciar a descrença que sente em relação a si mesma pelo facto de ser uma jovem institucionalizada.

“Doutora, eu queria acreditar nisso que diz, mas eu sei que não vale a pena sonhar porque é só para me iludir e de ilusões eu já estou cheia. Eu nunca vou conseguir ser feliz e realizar os meus sonhos.” – Jovem M (17 anos)

No dia seguinte esta mesma jovem deixou no gabinete da equipa técnica um bilhete dirigido a mim com a seguinte mensagem:

¹⁴ Termo utilizado para definir quais os caminhos que o processo das jovens institucionalizadas poderá seguir, passando por adoção, regresso à família ou autonomia de vida. Esta decisão fica a cargo dos técnicos responsáveis pela jovem.

“Doutora Marlene queria dizer por este papel o que sinto porque não tenho coragem para dizer-lhe a si. Desculpe mas por aquilo que tenho passado não consigo realizar os meus sonhos e às vezes até desiludo-me comigo mesma porque não sou ninguém que ando aqui mas queria-lhe agradecer por todo o apoio. Obrigada, você é como se fosse uma irmã como nunca tive e desculpe alguma coisa. Adoro-a muito. Beijinhos” – Jovem M (17 anos)

Depois de receber este bilhete conversei individualmente com a jovem sobre o que as suas palavras e acima de tudo sobre a descrença que sentia em relação a si mesma. No final da conversa a jovem prometeu que ia tentar lutar aos poucos pelos seus sonhos mais acessíveis, que no momento passava por terminar o curso profissional que estava a realizar na altura.

Na quarta e última sessão do mês de Maio, foi realizado um novo debate. Visto terem passado algumas sessões desde o primeiro debate realizado no âmbito deste projeto consideramos que seria apropriado realizar um novo debate para verificar se o nosso trabalho estaria a ter os resultados desejados. O tema escolhido pelas jovens foi a adoção por casais do mesmo sexo. Em comparação com a experiência anterior de debate, esta revelou-se mais calma e ponderada por parte das jovens que assumiram comportamentos diferentes dos anteriores. Neste debate conseguimos perceber acima de tudo que as jovens sentiam mais confiança em expor para o grupo as suas opiniões, o que facilitou a troca de ideias mesmo quando contrárias. Comparando as duas experiências de debate conseguimos perceber uma clara evolução por parte do grupo que embora apresente ainda comportamentos que precisam de ser limados, demonstrou uma evolução no que diz respeito à tolerância a opiniões contrárias e capacidade de falar em público. Tentamos demonstrá-lo apresentando o seguinte excerto da nota de campo:

“Neste debate o cenário foi diferente do anterior. As jovens mostraram-se mais ponderadas nas suas atitudes e principalmente nas suas respostas. Evitavam expressões como «não tens razão»; «eu é que sei» e passaram a argumentar com base nos seus pontos de vista ou exemplos que conheciam. No entanto ainda há muito que trabalhar a nível das questões do debate.” (Nota de campo do dia 27 de Maio de 2015)

Por último, no mês de Junho falamos sobre a igualdade de género. Este tema e os projetos que tínhamos em curso acabaram por envolver as restantes jovens que pediram para participar nas atividades. De imediato aceitamos o pedido das mesmas e envolvi não só as jovens como também as funcionárias e a comunidade da Póvoa de Varzim. Este foi o mês que mais alterações sofreu na sua planificação. Inicialmente tínhamos apenas programado um mês semelhante aos anteriores, com debates e pequenas tarefas realizadas na sala em grupo. No entanto, dada a importância do tema e do impacto que o mesmo teve em todas as jovens da instituição resolvemos aprofundá-lo e tentar com este tema realizar atividades que ficassem realmente na memória das jovens.

Duas das atividades realizadas no mês de Junho, segundo as jovens que participaram no projeto desde início, foram as que mais se destacaram no projeto pelo impacto que causaram junto delas, por isso resolvemos selecionar essas mesmas atividades para apresentar de forma mais detalhada neste relatório.

3.1. “Eu digo NÃO à violência no namoro!”

Nesta sessão, o principal objetivo era alertar as jovens para as relações violentas de forma a terem consciência de que a violência numa relação não está apenas presente nos casamentos, mas pode também existir em relações de namoro. Depois de enumerar alguns tipos de violência psicológica como o controlo exercido pelo companheiro, os ciúmes excessivos, constatamos que algumas jovens já tinham passado por situações dessas mas que não as viam como violência no namoro. Isto leva-nos efetivamente a perceber a importância deste tipo de grupos de diálogo com jovens de risco, que consideram violência apenas os atos físicos e não os psicológicos. Visto ser um tema sensível e que pedia uma maior atenção decidimos fazer algo diferente com as jovens, algo que as envolvesse e as fizesse ganhar uma maior consciência sobre este problema. Por isso, tendo como inspiração a campanha publicitária “*Quem te ama não te agride*”, elaboramos com a ajuda das jovens um guião¹⁵ onde contávamos a história de uma jovem que era vítima de violência no namoro. De seguida foram atribuídas a cada jovem algumas das falas da campanha para que fosse feita a filmagem e edição que resultaria numa campanha com o nome “*Diz NÃO à violência no namoro*”.

¹⁵ Ver anexo 9

Este pequeno vídeo foi apresentado às jovens e funcionárias da instituição na sessão de sensibilização dinamizada pela técnica da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) que aí esteve presente. Resolvemos convidar esta técnica¹⁶ para falar não só com as jovens como também com a equipa técnica e educativa da instituição de forma a apresentar a realidade da violência no namoro, visto que trabalha com essa realidade diariamente e tinha efetivamente mais ferramentas para sensibilizar para o tema. Com esta sessão foi igualmente possível dar ferramentas não só às jovens mas também às funcionárias para que saibam que medidas devem tomar perante este tipo de situações. No final da atividade as jovens e funcionárias afirmaram ter apreciado a sessão, que se tornou num momento de aprendizagem.

“Podíamos fazer isto mais vezes mas com outros temas, era interessante.” – Jovem O (14 anos)

“O grupo aderiu muito bem à iniciativa, algumas mostraram já ter algum conhecimento sobre o tema, mas outras que tinham dúvidas conseguiram expor as suas questões e criou-se um debate interessante. Uma sessão inicialmente programada para sessenta minutos durou perto de duas horas!” – Técnica da APAV do Porto



Imagem 1. Ação de sensibilização dinamizada pela APAV do Porto

¹⁶ Ver anexo 10

3.2. Caminhada de sensibilização “*Quebre o silêncio*”

Foi realizada ainda outra atividade nesse mês que acabou por marcar este projeto. Depois de vermos um enorme envolvimento por parte das jovens neste assunto da violência contra a mulher, apresentamos às jovens a ideia de fazer uma caminhada pela cidade da Póvoa de Varzim com o objetivo de sensibilizar também a população para a problemática. As jovens desde logo aceitaram muito bem a ideia e ficaram bastante entusiasmadas não só por participarem mas principalmente por terem organizado algo tão diferente na instituição. Efetivamente as jovens foram envolvidas em todos os preparativos desta atividade, sendo a criação das camisolas a mais animada. Cada jovem recebeu uma camisola branca, oferecida pelo Instituto, e personalizou com frases de sensibilização contra a violência.

De forma a tornar esta atividade mais interessante e diferente para as jovens convidamos uma professora de zumba para dar uma aula desta modalidade no final da caminhada que iria terminar na praia. As jovens ficaram bastante entusiasmadas com a ideia principalmente por fazerem algo tão diferente das suas rotinas. Foram distribuídos vários cartazes¹⁷ por vários estabelecimentos da cidade da Póvoa de Varzim para dar a conhecer a atividade e convidar os interessados.

A caminhada realizou-se no dia 3 de Julho de 2015 e além das jovens e funcionárias juntou várias pessoas da comunidade que quiseram participar nesta causa¹⁸. Esta atividade foi efetivamente a que mais se destacou em todo o projeto pelo envolvimento das jovens, pelo entusiasmo e participação. O fato de ser algo completamente diferente de tudo o que já havia sido feito na instituição levou a que o grupo aderisse mais. No final da caminhada uma das jovens disse algo que me marcou e passo a citar:

“Doutora podemos fazer mais coisas assim? Foi tão fixe, nunca fazemos nada de diferente.” – Jovem P (14 anos)

¹⁷ Ver anexo 11

¹⁸ Ver anexo 12



Imagem 2. Caminhada “*Quebre o silêncio!*”



Imagem 3. Aula de zumba no final da caminhada

Perante isto é possível ver a importância que este projeto teve para as jovens. Foi algo diferente que trabalhou um tema sensível e importante de uma forma mais descontraída e inovadora, com o objetivo de conseguir chegar até elas e envolvê-las no projeto. Para alegria das jovens esta caminhada contra a violência no namoro foi notícia na revista TVGUIA.¹⁹

4. Avaliação

Nesta fase do projeto é altura de levantar questões sobre os resultados que foram alcançados. A avaliação é um processo de reflexão que permite explicar e avaliar os resultados das ações realizadas, permite reconhecer os erros e o sucesso, com a finalidade de os corrigir no futuro, permite ainda reconhecer os avanços, os retrocessos e os desvios de uma forma dinâmica. A avaliação provém de uma tradição positivista na investigação educativa, por isso é por vezes confundida com a investigação, apesar de a investigação existir para provar e a avaliação, para melhorar. (Serrano, 2008) Segundo a autora mencionada anteriormente, qualquer coisa pode ser objeto de avaliação, no entanto é necessário que seja inicialmente determinado o que é pretendido avaliar, ou seja, determinar se pretendemos avaliar o destinatário do projeto, as suas necessidades, o projeto aplicado ou os resultados obtidos através do mesmo. Existem alguns princípios importantes a que uma avaliação deve obedecer. A avaliação realizada a um determinado projeto deve ser objetiva, uma vez que deve analisar e concluir tendo como base fatos tal como eles são na realidade, deve também ser válida pois deve apresentar as atitudes e os defeitos do plano de avaliação, dos procedimentos e condições, deve igualmente ser confiável visto que consiste em estabelecer se as diferenças de resultados são fruto de alguma inconsistência das medidas, por último deve ser oportuna e prática, uma vez que deve ser aplicada no momento certo e deve ajudar a identificar e avaliar a parte positiva e negativa do projeto. (Serrano, 2008)

Apesar da importância devida à avaliação, acabamos por não realizar qualquer procedimento de avaliação do nosso trabalho, nem no decorrer, nem no fim do projeto. Porém, tentamos compensar esta fragilidade com uma reflexão crítica que irá englobar a experiência no local de estágio e o projeto aplicado.

¹⁹ Ver anexo 13

5. O papel do interventor social com crianças em risco e famílias desestruturadas

Com o passar dos anos e a evolução da sociedade tem sido cada vez mais importante o trabalho de profissionais competentes na área social, nomeadamente os interventores sociais. O nosso trabalho é orientado em quatro ordens de valores, sendo eles o valor humanista que se centra na atuação no homem e o respeito pelo mesmo, os valores democráticos que desenvolvem as condições necessárias para o desenvolvimento da sua personalidade e da sua participação social e cívica na sociedade, os valores políticos e económicos que promovem o princípio da subsidiariedade e da igualdade de oportunidades, e, por últimos os valores educativos sustentados pela dimensão científica do saber onde nos apoiamos e conseguimos através disso fundamentar o nosso plano de intervenção. (Ferreira, 2011)

De acordo com Cristina de Robertis citada por Jorge Ferreira “*A evolução ética e deontológica da profissão na atualidade, (...), postula um novo humanismo: o humanismo social, baseado sobre a ética da convicção (...), a ética da responsabilidade – que inclui para além dos objetivos a análise dos meios, das diferentes opções e a avaliação das suas consequências, assim como a nossa capacidade empática, e a ética da discussão, que supõe a elaboração coletiva, a partir da livre discussão entre pessoas implicadas, e que inclui ter de partilhar, elaborar, decidir em relação a projetos comuns, com todo o que significa de negociação, concessões, e acordos.*” (Robertis, 2003)

A nível ético o interventor deve usar princípios de singularidade, de liberdade e autodeterminação de cada cidadão e o respeito pela intimidade e pela vida do sujeito em questão, de forma a reconhecer competências e capacidades de interdependência face aos seus direitos e deveres. (Ferreira, 2011) A ética é uma disciplina que desafia o agir humano e fornece diretrizes que orientam as nossas práticas profissionais.

O papel do interventor social tem sido cada vez mais precioso devido ao aumento dos problemas sociais em parte provocados pela crise económica mundial presente em grande parte do mundo. Esta situação afeta o público mais vulnerável estando entre eles as crianças e jovens. Atualmente, há uma maior visibilidade de problemas como a desigualdade social, a pobreza e a exclusão social o que leva a que

haja um maior reconhecimento do papel do interventor social na sociedade. (Ferreira, 2011)

A nível de trabalho individual o interventor social identifica como níveis de intervenção o “saber ser, estar, escutar, respeitar, capacitar e incentivar o outro”, através de um estudo do caso. É necessário centrar a nossa abordagem individual nas competências e habilidades pessoais. É também desenvolvida ao longo do tempo uma abordagem relacional com a criança e família. O interventor social tem essencialmente um papel de ajuda dirigida a pessoas em situação de incapacidade social para que consigam libertar-se dessa situação e possam exercer os seus direitos e deveres e de forma a estarem integrados na sociedade. (Robertis, 2003) No caso de uma intervenção direcionada a crianças em risco, esta obriga à atuação de diferentes profissionais orientadas pelo princípio da interdisciplinaridade onde reside a satisfação da necessidade do problema.

Em suma, um interventor social tem nos dias de hoje um papel bastante significativo no trabalho com crianças e famílias em risco uma vez que perante um problema, consegue através de um diagnóstico planejar o projeto de intervenção mais adequado sempre a pensar no bem-estar da criança.

Numa reflexão *a posteriori* consideramos ter efetuado um trabalho, ao longo da duração do estágio, norteado pelos valores aqui enumerado. Tivemos sempre a consideração de que o mais importante que deveria configurar o centro da nossa atividade se prendia com a vida das jovens com quem estávamos a lidar, nomeadamente conferindo-lhes um espaço onde a sua voz fosse ouvida e conversada. Ainda que sem instrumento de avaliação, atrevemo-nos a afirmar que, independentemente do resultado a que chegássemos, o processo seria o mais importante de todo este caminho, na medida em que seria aí o momento fundamental da nossa intervenção. Consideramos que encetando estruturada e regularmente momento de conversa significativa, estas jovens têm oportunidade de refletir sobre si, sobre a sua vida, as suas redes de sociabilidade, as suas famílias e as formas de funcionamento delas, e a partir daí (re)construírem-se de forma mais saudável do que aquela que as levou à institucionalização.

Capítulo V

Reflexão crítica

1. Reflexão crítica em jeito de conclusão...

A pertinência do projeto desenvolvido ao longo deste estágio prende-se com a importância de intervir socialmente com jovens que tenham sido institucionalizadas por se encontrarem em situação de risco. O nosso objetivo era efetivamente abordar e comprovar a importância do diálogo de forma a demonstrar que o trabalho feito neste tipo de instituições pode efetivamente ser aperfeiçoado em favor do jovem. Muitos destes locais de acolhimento acabam por limitar o seu trabalho quando estabelecem rotinas nos dias dos jovens acolhidos que se dividem entre o tempo passado na escola e o pouco tempo na instituição que acaba por ser ocupado pelas refeições e cuidados básicos. O que pretendíamos comprovar com este projeto é que os esforços destas instituições devem passar por algo mais do que garantir os bens essenciais. É importante ouvir o jovem, conversar com ele, dar-lhe liberdade para desenvolver em harmonia a sua personalidade e contribuir para um saudável crescimento não só físico mas também intelectual.

Como já referimos anteriormente neste relatório, a conversa dá contornos firmes a questões já apreendidas de maneira vaga e pouco clara. Eventuais dúvidas tornam-se reais quando são discutidas. Estas são objetivadas como realidade na própria consciência. (Berger & Luckmann, 2010; p. 138) Posto isto, compreendemos ser importante desenvolver este tipo de trabalho com os jovens também com uma finalidade preventiva, uma vez que ao discutir variados temas é possível descodificar conceitos errados que os jovens tenham e fornecer novos.

Em relação ao Instituto Madre Matilde em particular, consideramos que seja uma instituição que fica aquém no que ao ouvir e conversar diz respeito, na medida em que alguns técnicos não dispensam de algum do seu tempo de trabalho para trabalhar com os jovens estas questões mais voltadas para o diálogo e a importância do mesmo. Estes profissionais enquanto interventores sociais junto de crianças e jovens em risco deveriam estar preparados e ter competências para planejar projetos deste cariz e aplicá-los junto dos jovens. Trabalhar as questões da juventude, a importância de construir um plano de vida muito diferente daquele que à partida vão decidir para elas, trabalhar também as questões das relações de intimidade que estão bem presentes nas rotinas destas jovens, embora possam parecer conversas simples e até sem importância quando vistas a olho nu, são de extrema importância pois além de trabalhar um tema é igualmente possível, como já referimos, limar possíveis conceitos errados que as jovens

tenham em relação ao mesmo. Tudo isto faz efetivamente parte de uma componente importante do trabalho de intervenção que deve ser assegurado por parte destas instituições a jovens que sejam institucionalizadas. A conversa é um instrumento importante a ser utilizada no trabalho com jovens de risco que viram as suas vidas marcadas por situações delicadas e foram expostos a realidades e dúvidas que se não forem trabalhadas podem efetivamente condicionar o seu desenvolvimento intelectual.

Além disso, grande parte destes jovens chegam até estas instituições vindos de meios sociais bastante desfavorecidos, o que, em muitos casos, tem como consequência um vocabulário limitado e dificuldades no momento de conversação. (Ribeaud, 1976) Combater essas carências é também um papel da instituição acolhedora, que através de projetos como este podem trabalhar com esses jovens as questões do diálogo e do debate fornecendo também um novo vocabulário ao jovem.

No que diz respeito à concretização do projeto, é importante deixar claro que este teve pontos positivos e negativos e teve que, ao longo da sua execução, ser limado consoante os imprevistos que ocorriam. Como principal ponto positivo podemos destacar a adesão das jovens à medida que o projeto ia decorrendo, o que reflete uma boa escolha dos temas e das dinâmicas utilizadas para os abordar. Esta era sem dúvida a base de um bom resultado, uma vez que se as jovens não se sentissem interessadas no projeto, o mesmo não seria viável.

Como principal ponto negativo destacamos o tempo de aplicação do projeto. Inicialmente, estipulamos o prazo de três meses para a execução deste projeto, o que no momento pareceu o mais apropriado, no entanto sentimos que esses três meses não foram suficientes para que possamos verificar uma mudança significativa nestas jovens. Conseguimos perceber algumas alterações, como alguma moderação de certos comportamentos agressivos, ou uma maior facilidade em falar em público, no entanto temos clara noção de que o projeto precisava de mais tempo e acima de tudo de uma certa continuidade para alcançar concretamente os nossos objetivos. Devido a este ponto negativo não conseguimos também avaliar se a longo prazo os temas abordados de forma preventiva, tal como as estratégias fornecidas para lidar com uma situação de violência no namoro, seriam efetivamente utilizadas pelas jovens na prática. No entanto para tal seria necessário que o projeto tivesse uma continuidade superior ao tempo disponível para estágio, o que leva novamente a constatar a importância deste tipo de projetos com jovens em risco. *“O veículo mais importante para a conservação da realidade é a conversação.”* (Berger & Luckmann, 2010; p. 138) Com projetos

semelhantes ao que aplicamos seria possível através do diálogo reconstruir e conservar uma nova realidade para essas jovens.

Embora seja possível verificar algumas fragilidades no momento de avaliar os resultados do projeto, conseguimos em termos gerais fazer um balanço bastante positivo dos resultados que foi possível observar. Conseguimos elaborar e aplicar um projeto que acima de tudo demonstrou um impacto positivo nas jovens. Isto demonstra que é importante que as instituições de acolhimento adiram a estes pequenos projetos que podem obter resultados bastante positivos no que diz respeito ao controlo da agressividade, mediação de conflitos e no incentivo à partilha de ideias.

Com este projeto conseguimos demonstrar que o facto de estas jovens sentirem que a sua voz era valorizada e que podiam efetivamente dar a sua opinião sem que fossem repreendidas, atua de forma positiva junto das mesmas. Conseguimos ainda fomentar o espírito crítico destas jovens, que o adaptaram às suas rotinas. Além de criar um espaço interventivo e preventivo, foi possível criar também um espaço de partilha e inovação. Com tudo isto deixamos uma marca positiva não só nas jovens mas também na instituição que esteve pela primeira vez envolvida em atividades bastante diferentes das habituais.

Em relação à experiência no local de estágio, posso afirmar que foi desafiante e consegui efetivamente aprender variadas práticas de trabalho e por outro lado observar na prática situações que havia estudado. Senti-me bastante integrada na equipa e desde logo fui bem aceite pelas jovens que viram em mim uma pequena fase de mudança. É com enorme agrado que digo isto pois era esse um dos objetivos, levar até uma instituição que existe há vários anos, alguma mudança e inovação em prol das jovens.

Não podia deixar de concluir este relatório sem dar uma especial atenção às jovens com as quais tive a oportunidade de trabalhar. Quando iniciei o meu estágio fui confrontada com um grupo muito diferente com diversas personalidades, grande parte delas bastante fortes e determinadas. Aos poucos apercebi-me que essa imagem de força nada mais era do que uma proteção para que não se envolvam com as pessoas, uma vez que muitas delas foram magoadas por pessoas que não esperavam, nomeadamente a família. Não foi fácil chegar até elas, conseguir simplesmente arrancar um sorriso ou uma palavra amigável, no entanto consegui alcançar esses pequenos feitos com trabalho e dedicação ao grupo. Dedicação essa que não consegui ver em alguns profissionais que lá trabalham. Embora tenha sido confrontada com uma rotina de trabalho por vezes bastante árdua, considero ainda mais importante o trabalho desenvolvido fora das portas

do gabinete, o trabalho com as jovens, pois é importante lembrar que acima de tudo neste locais trabalhamos por elas e para elas.

Recordo-me de duas frases ditas por diferentes jovens que de certa forma demonstram essa dedicação que coloquei neste projeto e nestas jovens.

“Eu fazia de conta que não gostava de si porque não queria dar confianças, porque eu sou assim, mas a doutora não desistiu até me meter a rir e falar à vontade!” – Jovem J (16 anos)

“A doutora hoje de manhã passou por mim à pressa e não disse bom dia e costuma dizer todos os dias.” – Shakira (16 anos)

“Eu digo mas tu quase às vezes não respondes.” – Marlene

“Oh mas eu gosto que você se lembre de me vir dizer bom dia.” – Shakira (16 anos)

Não é fácil conquistar o espaço e acima de tudo a confiança destas jovens que já passaram por situações tão complicadas nos seus pequenos percursos de vida. No entanto é importante perceber que elas estão atentas a todos os detalhes como se estivessem a fazer um teste à nova pessoa que chega às suas vidas para perceber se é ou não merecedora da sua atenção.

Foi realmente muito gratificante para mim enquanto profissional e ser humano trabalhar com estas jovens que embora sejam muitas vezes incompreendidas e silenciadas, têm muito para dizer, contar e aprender. Basta que alguém se dedique a elas!

Bibliografia

- American Psychiatric Association (2002). DSM-IV-TR: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais (4ª Ed. Revista). Lisboa: Climepsi Editores.
- APAV (2002) Manual core para o atendimento de crianças vítimas de violência sexual. Retrieved from http://www.apav.pt/pdf/core_compreender.pdf
- BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas (2010). A construção social da realidade. Lisboa: Dinalivro
- CALHEIROS, M & Garrido, M. (2013). Crianças em risco e perigo: Contexto, investigação e intervenção – Vol. 3. Lisboa: Edições Silabo.
- CAPUCHA, L (1993). Pobres mas vivos: in actas do II Congresso Português de Sociologia, Vol. 2. Lisboa: Fragmentos.
- CAPUCHA, L (2005). Desafios da Pobreza. Oeiras: Celta Editora.
- CASTEL, R (2007). La discrimination négative. Citoyens ou indigènes? Éditions du Seuil, coll.
- CÓDIGO PENAL (2010). Coimbra: Edições Almedina.
- COHEN & MANION (1989). Caracterização da investigação-ação.
- CUNHA, S (2010). Causas de (in) sucesso escolar. Monografia de Mestrado. Vila Real.
- DIREITO DE MENORES (2010). Coimbra: Edições Almedina.
- DURKHEIM, Emile (1989), As Regras do Método Sociológico. Lisboa: Editorial Presença.

- FACHADA, O (2012). Psicologia das relações interpessoais 1º volume. Lisboa: Edições Silabo.
- FACHADA, O (2012). Psicologia das relações interpessoais 2º volume. Lisboa: Edições Silabo.
- FERREIRA, J (2012). Serviço social e modelos de bem-estar para a infância. Lisboa: Quid Juris.
- FISCHER, Gustave-N. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*.
- GOFFMAN, E (2001). Manicômios, Prisões e Conventos. Tradução de Dante Moreira Leite. 7ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva.
- LEWIS, O (1961). Antropologia de la Pobreza. México: Fundo de Cultura Económica. Lisboa: Moraes editores.
- LEWIS, O (1979). Os filhos de Sánchez. Lisboa: Moraes editores.
- MAIA, L (2012). Violência doméstica e crimes sexuais: Um guião para as vítimas, familiares e amigos. Lisboa: Pactor.
- MATOS, M & Machado, A. (2011). Violência doméstica: intervenção em grupo com mulheres vítimas. Manual para profissionais. Comissão para a cidadania e igualdade de género, Porto.
- MOTA, C. P. (2008). Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.

- MOTA, C. P., & Matos, P. M. (2010). Adolescentes institucionalizados: o papel das figuras significativas na predição da assertividade, empatia e autocontrolo. *Análise Psicológica*, 2 (XXVIII), 245-254.
- MOTA, C. P. (2008). Dimensões relacionais no processo de adaptação psicossocial de adolescentes: vulnerabilidade e resiliência em institucionalização, no divórcio e em famílias intactas. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- MCLEOD, S. A. (2011). Bandura - Social Learning Theory. Retrieved from <http://www.simplypsychology.org/bandura.html>
- MINTZBERG H.. (2003) Criando Organizações Eficazes: estrutura em cinco configurações. Ed. Atlas.
- NEVES, S & FÁVERO, M. (2010) Vitimologia ciência e ativismo. Coimbra: Edições Almedina.
- PAUGAM, S (2005). Les formes élémentaires de la pauvreté. Paris, Presses Universitaires de France.
- PAUGAM, S (1996). "La Constitution d' un Paradigme" in L' Exclusion — L'État des Savoirs.
- PINTO, A (2003). O aborto provocado e as suas consequências.
- RIBEAUD, M (1976). Les enfants des exclus. L'avenir enchaîné des enfants du sous-prolétariat. Paris
- SALGUEIRO, T (1998). “Marginalidade e exclusão nas metrópoles”. Lisboa

- SERRA, L. & Mota, C. (2013). Qualidade das relações entre irmãos e outras figuras significativas em adolescentes institucionalizados: Desenvolvimento de psicopatologia e comportamentos desviantes. Universidade de Trás dos Montes e Alto Douro.
- SERRANO (1990). Caracterização da investigação-ação.
- STREHT, P. (2002). Crescer Vazio: Repercussões psíquicas do abandono negligência e mais tratos em crianças e adolescentes. Assírio & Alvim, Lisboa
- WALKER, L. (1979). The battered woman. New York: Harper & Row.
- ZOVIN, C (2010). Celebridades: A influência nos padrões de consumo. Brasil: E-Papers

Anexos

Anexo 1. Dados de caracterização das jovens institucionalizadas²⁰

Jovem	Idade	Motivo da institucionalização	Data de entrada na instituição	Presença de irmãos na instituição
A	18 anos	Negligência; Exposição a modelos parentais desviantes; Doença psiquiátrica da mãe; Mau relacionamento familiar;	Abril de 2006	Não
B	15 anos	Abuso Sexual; Negligência por parte da progenitora; Falta de supervisão;	Janeiro de 2007	Não
Selena Gomez²¹	17 anos	Violência doméstica; Alcoolismo; Ausência de competências parentais;	Abril de 2010	Não
C	19 anos	Alcoolismo por parte da progenitora; Falta de supervisão e exposição a comportamentos desviantes;	Outubro de 2011	Não
D	16 anos	Negligência; Dificuldades no controlo da diabetes e incumprimento do tratamento; Incapacidade do progenitor em ajudar na doença; Falta de imposição de regras;	Janeiro de 2013	Não
E	16 anos	Violência doméstica; Exposição a comportamentos desviantes; Negligência (alimentação, higiene, entre outros); Condições socioeconómicas e habitacionais precárias;	Junho de 2013	Sim (F)
F	12 anos	Violência doméstica; Exposição a comportamentos desviantes; Negligência (alimentação, higiene, entre outros); Condições socioeconómicas e habitacionais precárias;	Junho de 2013	Sim (E)

²⁰ Por questões de confidencialidade as jovens foram identificadas nesta tabela com letras que em nada estão relacionadas com as iniciais dos seus nomes.

²¹ Estiveram envolvidas no projeto as seguintes jovens: Selena Gomez; Shakira; A; D; G; M; N.

Jovem	Idade	Motivo da institucionalização	Data de entrada na instituição	Presença de irmãos na instituição
G	17 anos	Conflitos entre a mãe e a companheira – violência doméstica; Progenitora no ramo da prostituição;	Junho de 2013	Não
H	18 anos	Alcoolismo por parte da tia;	Setembro de 2013	Não
I	17 anos	Mãe adotiva com dificuldades em cuidar da filha que limitavam a sua capacidade educativa; Conflito com as irmãs; Suspeita de relações com o pai biológico;	Setembro de 2013	Não
J	16 anos	Abuso sexual por parte do tio com conhecimento da progenitora;	Dezembro de 2013	Não
L	16 anos	Absentismo escolar; Falta de supervisão do progenitor por motivos profissionais; Alcoolismo por parte da progenitora;	Janeiro de 2014	Não
Shakira	16 anos	Envolvimento com um homem mais velho com o conhecimento da progenitora que levou a um aborto; Negligência; Alcoolismo por parte da progenitora; Dificuldades socioeconômicas e habitacionais; Falta de supervisão;	Abril de 2014	Sim (M)
M	17 anos	Negligência; Alcoolismo por parte da progenitora; Dificuldades socioeconômicas e habitacionais; Falta de supervisão;	Abril de 2014	Sim (Shakira)
N	15 anos	Abuso sexual – manteve uma relação com o tio durante 2 anos; Suspeita de abuso por parte de outro tio e avô; Falta de supervisão;	Outubro de 2014	Não
O	14 anos	Falta de supervisão; Envolvimento com jovem maior de idade; Dificuldades econômicas por parte dos progenitores; Desemprego; Comportamentos de risco por parte da Vera; Vítima de violência doméstica;	Janeiro de 2015	Não

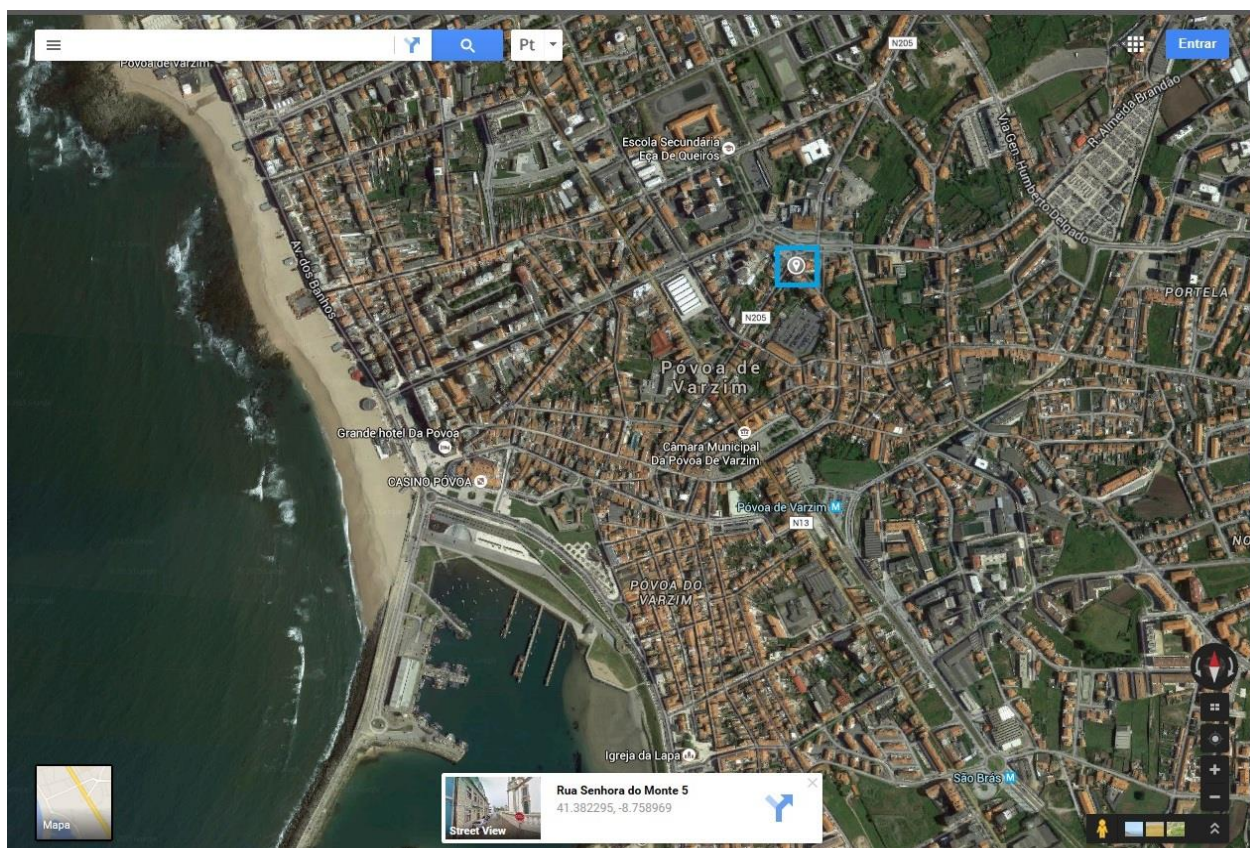
Jovem	Idade	Motivo da institucionalização	Data de entrada na instituição	Presença de irmãos na instituição
P	14 anos	Absentismo escolar; Falta de supervisão; Dificuldade no controle dos impulsos e resistência à frustração; Consumos; Envolvimento com jovem mais velho;	Fevereiro de 2015	Não

Anexo 2

Tabela 2. Categorias do “estado criança”

Adaptada	<p>É o EU que corresponde à criança dócil e que se comporta tal como se espera dela. Aceita sem contestação o que se lhe pede.</p> <p>Exemplos:</p> <p>“Sim, eu faço-te já isso.”</p> <p>“Eu gosto do que tu gostas.”</p> <p>“Desculpa incomodar, foi isto que pediste?”</p>
Rebelde	<p>É o estado do EU que se revela através de comportamentos negativos, contestários, agressivos, de oposição, de desejo, de independência e de negativismo.</p> <p>Exemplos:</p> <p>“Não tenho tempo para te ouvir.”</p> <p>“Tenho mais que fazer do que ir à tua festa.”</p> <p>“Não me chateies!”</p>
Pequeno professor ou criança criativa	<p>É o estado do EU que se manifesta através da criatividade e da invenção. O sujeito revela-se curioso e desejoso de saber, de compreender e resolver problemas. O sujeito tem confiança em si e acredita que há-de encontrar a melhor solução.</p> <p>Exemplo:</p> <p>“Eu resolvo o problema, fica descansado.”</p> <p>“Com este truque a porta já não abre.”</p>
Criança espontânea	<p>É o EU que exprime de forma espontânea as suas emoções, alegrias e tristezas. Exprime de forma imediata o seu entusiasmo, cólera, medo, etc...</p> <p>Exemplo:</p> <p>“Oh! Que pena! Não posso ir contigo.”</p> <p>“Esta tarde vou comprar um vestido!”</p> <p>“Sem ti, eu não seria ninguém!”</p>

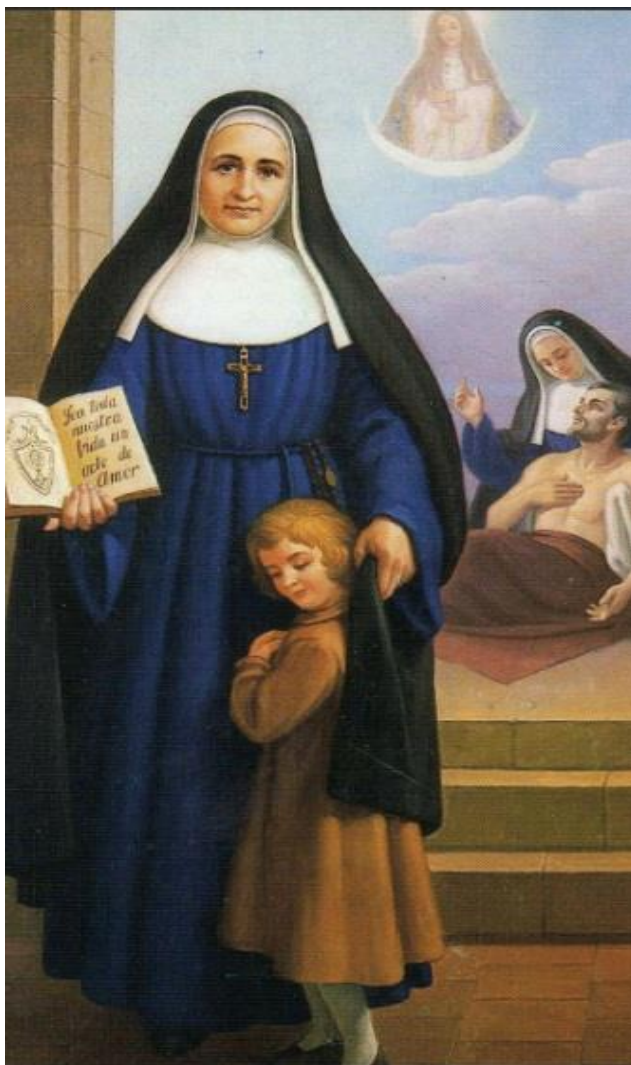
Anexo 3. Localização geográfica do Instituto Madre Matilde



Legenda: Imagem aérea de uma parte da cidade da Póvoa de Varzim

Anexo 4. Breve contextualização histórica do Instituto Madre Matilde

Matilde Robles, mais conhecida por Madre Matilde, nasceu em 30 de Maio de 1841, em Robledilho de La Vera situado em Espanha. Desde muito jovem que escolheu seguir o caminho religioso, dessa forma teve uma juventude bastante pautada pelas fortes experiências cristãs e levou a que outras jovens seguissem igualmente o seu caminho de Fé. Assim fundou o seu instituto, tendo aberto a primeira casa em Salamanca a 19 de Março de 1874. A Madre Matilde acabou por falecer a 17 de Dezembro de 1902 com 61 anos de idade.



Legenda. Madre Matilde

A congregação foi reconhecida em 1930 e desde então tem a designação de “Filhas de Maria Mãe da Igreja”, acabando por chegar a Portugal no ano de 1932. Desde essa data as irmãs fundaram inúmeras casas sempre dedicando as suas ações aos mais carenciados.



Legenda. Logotipo do Instituto Madre Matilde

Citando Maria Del Pilar Vicente na sua obra sobre a Madre Matilde:

“Não se contentava com largas horas de meditação, nem estar largas horas diante do Santíssimo Sacramento, rezando e suplicando, mas também saía pelas ruas à procura de doentes, alegrando-se mais em prestar auxílio aos mais carenciados, e a reunir as meninas órfãs e desamparadas para lhes dar a instrução e educação convenientes.”

Este pequeno excerto mostra claramente as atividades a que as irmãs da Congregação tem vindo a realizar ao longo de todos estes anos, enaltecendo sempre os direitos e as necessidades dos mais carenciados. São várias as irmãs religiosas que já passaram pelo Instituto Madre Matilde na Póvoa de Varzim e que mantêm a missão inicial da Congregação.

- **Missão, finalidades e objetivos**

O Instituto Madre Matilde situado na cidade da Póvoa de Varzim é uma Fundação Privada de Solidariedade Social, sem fins lucrativos, constituída em 29 de Março de 1956, cujos primeiros estatutos foram publicados em 6 de Abril desse mesmo ano e os novos estatutos foram registados no Livro nº2 das Fundações de Solidariedade Social em 28 de Março de 1985. Como já havia referido anteriormente, apenas foi possível ser criado graças à Congregação das Religiosas Filhas de Maria Mãe da Igreja de origem espanhola.

No que diz respeito ao cumprimento do seu objetivo social, este Instituto oferece até à data duas respostas sociais sendo elas o regime de internado com capacidade para 20 jovens e o Jardim de Infância com capacidade para 44 crianças.

O Instituto iniciou a sua atividade no ano da sua constituição, a abertura do Patronato da Nossa Senhora da Conceição, que antecedeu o atual internato. Esta foi na altura a resposta possível para acolher crianças do sexo feminino carenciadas economicamente, visto que nessa época eram escassas as respostas sociais públicas de combate à pobreza. Madre Jacinta Diaz Manzano foi a primeira diretora deste Instituto, criando assim o Lar Académico que gerava receitas através do alojamento de jovens estudantes do sexo feminino e outros hóspedes nomeadamente professoras, que vinham de terras longínquas para lecionarem nas escolas da região. Essas mesmas receitas eram efetivamente uma mais-valia para ajudar na sustentabilidade do Patronato, que não tinham até então apoios oficiais. Na época de verão de forma a aumentarem as suas receitas, hospedavam também banhistas que vinham passar férias a esta cidade.

É efetivamente possível verificar que havia de facto um enorme esforço orçamental com o objetivo de seguir em frente com os objetivos da Instituição. No entanto todos estes esforços eram visivelmente insuficientes para conseguir um equilíbrio a nível financeiro. No entanto este conseguia ser assegurado pela generosidade da população que de forma anónima e sabendo da missão das irmãs na cidade, ajudavam as até hoje conhecidas como “*Irmãs Azuis*”.

Nos primeiros anos em que a Madre Jacinta esteve na direção no Instituto, criou um projeto pioneiro com o nome de “Escola Infantil” com o objetivo de educar crianças de ambos os sexos e de todos os estratos sociais. Este projeto esteve em vigor antes da implementação do atual Jardim de Infância. Mais tarde, já nos anos 60, o Instituto Madre Matilde obteve autorização para lecionar em regime de externato, o Ensino

Primário Elementar. No entanto o Instituto com o passar dos anos adaptou-se aos tempos e principalmente às dinâmicas sociais que marcam o passar dos anos. Sendo assim acabou por centrar a sua atividade apenas das duas valências anteriormente referidas: O Lar de Infância e Juventude que acolhe jovens do sexo feminino e o Jardim de Infância para crianças de ambos os sexos. Os serviços que o Instituto presta diariamente conta com a colaboração de funcionários tecnicamente habilitados, no cumprimento da legislação e das recomendações técnicas da Segurança Social, com quem o Instituto celebrou protocolo de cooperação.

Mesmo com o decorrer dos anos e com a obrigatoriedade de se ir moldando ao longo deste tempo, o Instituto continua a ser fiel aos princípios da moral social e da moral familiar cristã, que são efetivamente próprios da sua matriz fundadora. É um Instituto reservado que preza pela discrição e no qual existe um verdadeiro clima de ambiente verdadeiramente família, o que o torna indicado para acolher jovens em risco, o que seguramente justifica a crescente cooperação com a CPCJ.

Atualmente o Instituto Madre Matilde é dirigido pela Madre Maria de Fátima Simões e tem, como sempre teve, a sua sede na Rua do Senhor do Monte na cidade da Póvoa de Varzim.



Legenda. Instituto Madre Matilde – Póvoa de Varzim

Anexo 5

Fotografias do interior da instituição (zona restrita a jovens acolhidas e funcionários)



Imagem 1. Dormitório das jovens mais novas

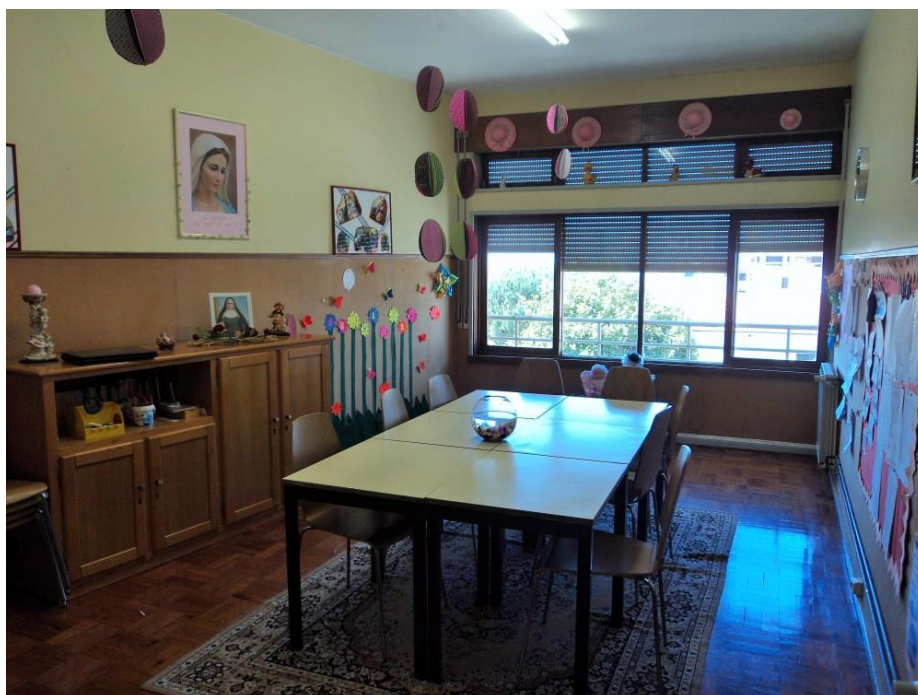


Imagem 2. Sala de estudo



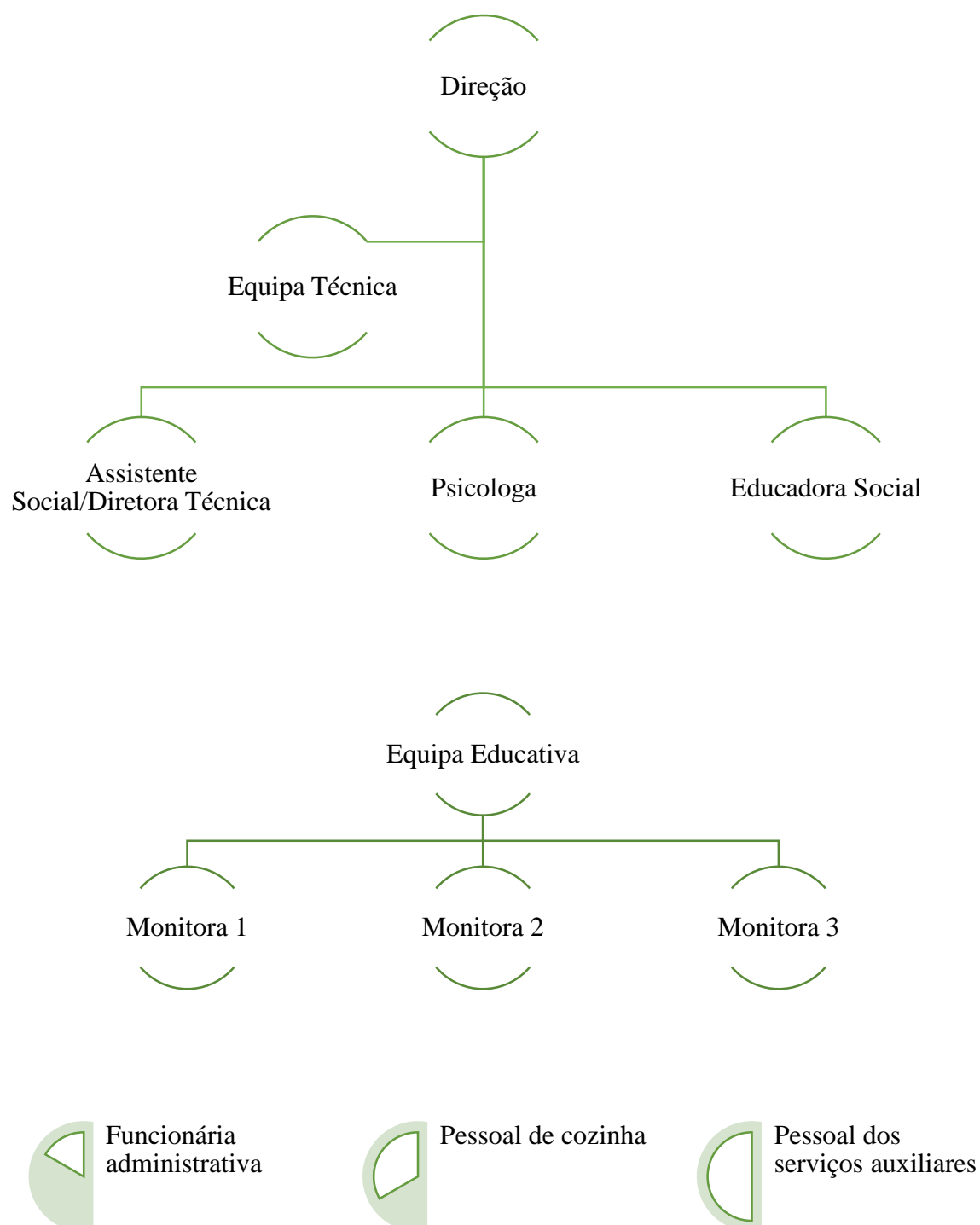
Imagem 3. Quarto das jovens mais velhas



Imagem 4. Sala de convívio

Anexo 6

Esquema 1. Esquema hierárquico do Instituto Madre Matilde



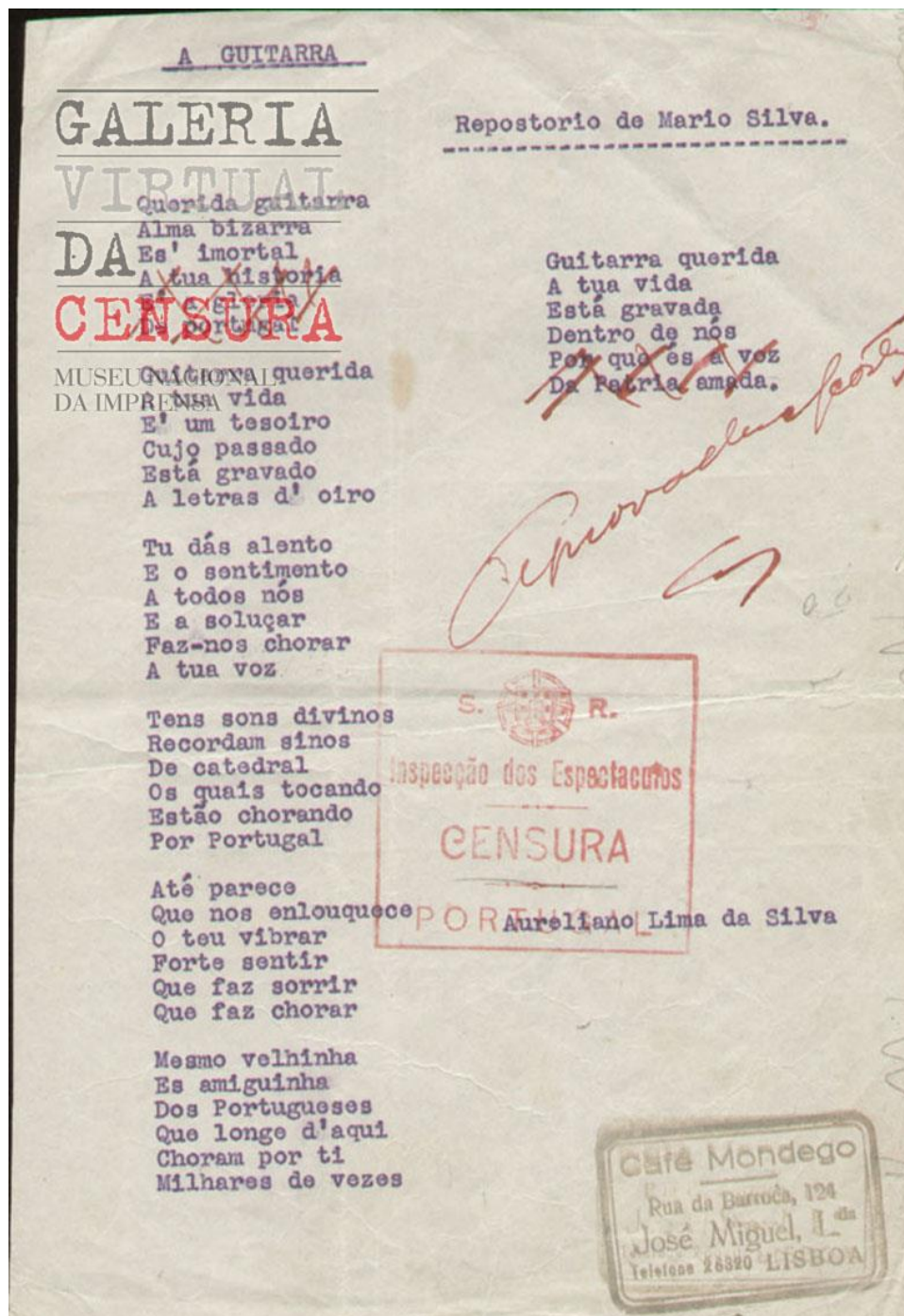
Anexo 7

Tabela 3. Propulsores (Fachada, 2006)

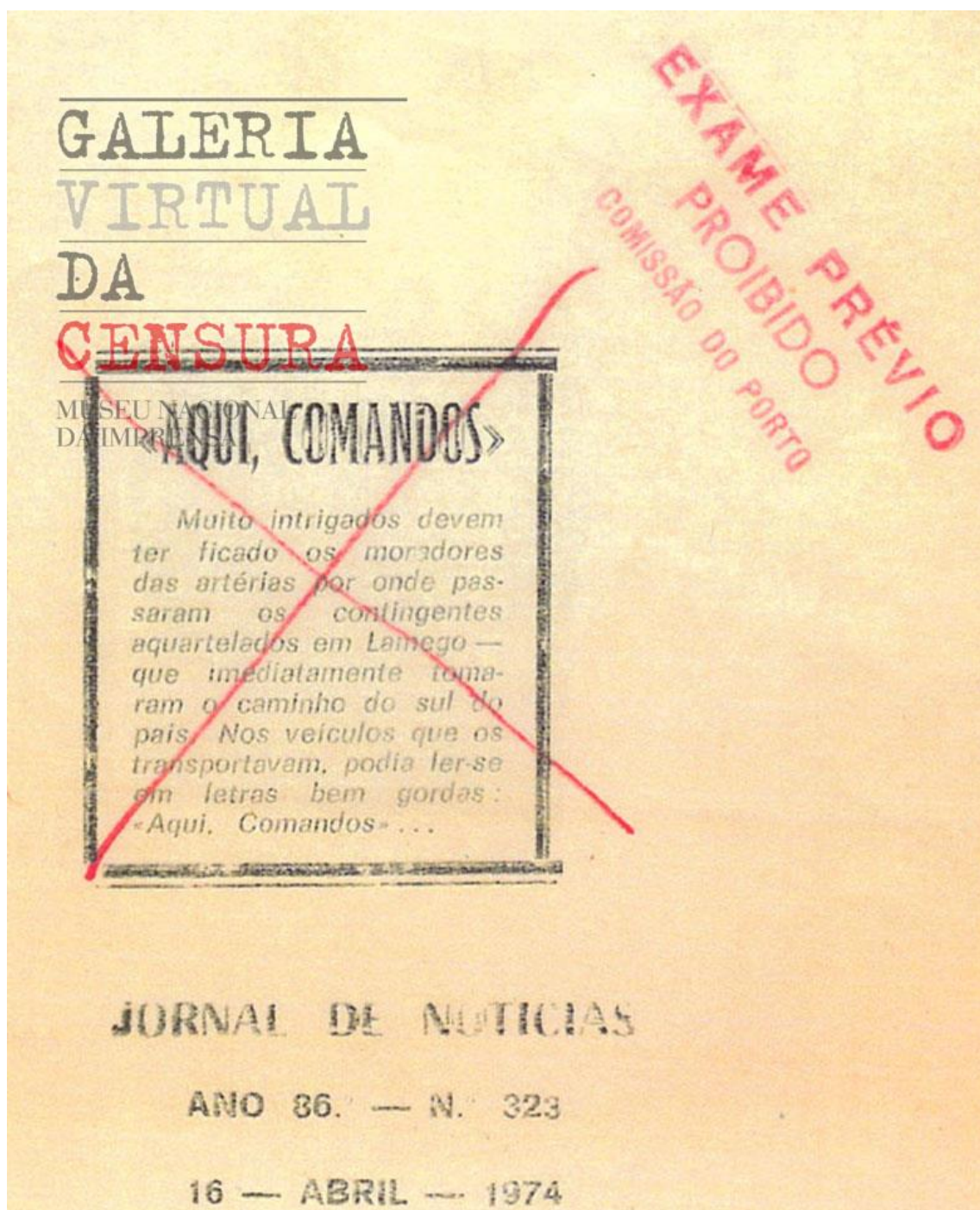
Propulsor	Estilos comportamentais	Inconvenientes
Propulsor 1 – “Despacha-te”	O sujeito trabalha depressa; É rápido e impaciente; Fala depressa e tende a interromper os interlocutores; Realiza em pouco tempo uma elevada quantidade de tarefas;	Corre o risco de errar porque não prepara convenientemente as tarefas; Pode perder tempo a corrigir os erros;
Propulsor 2 – “Sê perfeito”	Procura a perfeição; Presta atenção aos detalhes; É organizado e capaz de antecipar problemas;	Perde muito tempo com detalhes; Fica desiludido consigo mesmo quando comete um erro;
Propulsor 3 – “Agrada-me”	Gosta de agradar aos outros; As suas opiniões confundem-se com as dos outros; Tem dificuldade em dizer não;	Raramente manifesta a sua opinião; Receia ser criticado;
Propulsor 4 – “Esforça-te”	Inicia as tarefas com entusiasmo; Gosta de explorar várias vertentes de um trabalho; As suas ideias são várias; Realiza várias tarefas ao mesmo tempo;	A energia pode esgotar-se antes de terminar as tarefas; Desorienta os restantes com tanta energia;
Propulsor 5 – “Sê forte”	Fica calmo quando está sob pressão; Sente-se estimulado perante dificuldades; Faz críticas construtivas; Prefere trabalhar arduamente a pedir ajudar; Toma decisões;	Não admite a fraqueza e insucesso; Tende a camuflar dificuldades; É muito crítico consigo e com os que o rodeiam;

Anexo 8

Material utilizado na sessão sobre o 25 de Abril



Legenda. Letra de música censurada antes do 25 de Abril de 1974



Legenda. Notícia censurada antes do 25 de Abril de 1974

República

Fundado por
ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA

Director
RAUL RÉGO

PROPRIEDADE DE EDITORIAL REPÚBLICA
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: RUA DA MOURARIA, 116 - LISBOA
TELEFONES: 37 65 55 - 37 65 31 - 37 63 53

ANO 82 (2.ª SÉRIE)
N.º 15 421

QUINTA-FEIRA
25 DE ABRIL
1974

Preço: 25\$0

As Forças Armadas tomaram o poder



General Costa Gomes



General António de Spínola

PELO POVO E PELAS SUAS LIBERDADES

As Forças Armadas assumiram perante o País a maior das responsabilidades ao tomarem conta do poder. O acto de força só será útil e terá a sua justificação, na medida em que contribua para dar a todos os portugueses participação efectiva no Governo da Nação. Não pode de forma nenhuma substituir um autoritarismo e outro; muito menos pode representar a continuação de um sistema autocrático iniciado com o golpe militar de 28 de Maio de 1926.

A Ditadura Militar então instaurada teve continuidade no

regime censório e policial que até hoje nos tem governado sem nos ouvir. As liberdades fundamentais do homem não têm sido respeitadas e os destinos do País têm sido traçados sem que os portugueses tenham sido ouvidos. Nem sequer os direitos consignados na Constituição têm sido respeitados, duramente limitados por leis de autêntico arbítrio. Imposto o silêncio aos que se não dispuseram a ser elementos dóceis do poder, privados da liberdade muitos cidadãos, retirados outros para o exílio.

(Continua na última pág.)

O GOVERNO RENDEU-SE ÀS CINCO DA TARDE E AS TROPAS DO MOVIMENTO ENTRARAM NO CARMO

Treze horas e vinte e dois minutos após ter sido difundido o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas, terminou o cerco ao quartel do Comando-Geral da G. N. R., no Largo do Carmo, montado desde as 13 horas por forças do Regimento da

(Continua na última pág.)

OS GENERAIS SPÍNOLA E COSTA GOMES DEVEM VIR A FORMAR UMA JUNTA MILITAR

Eram exactamente 4 horas e 32 minutos de hoje quando o Rádio Clube Português interrompeu a sua emissão normal para transmitir o seguinte:

«Daqui Posto de Co-

mando do Movimento das Forças Armadas:

As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a

(Continua na pág. seguinte)

PROCLAMAÇÃO DO MOVIMENTO DAS FORÇAS ARMADAS

(LER NA QUARTA PAGINA)

ESTE JORNAL NÃO FOI VISADO POR QUALQUER COMISSÃO DE CENSURA

Legenda. Jornal sem censura publicado depois o 25 de Abril de 1974

Anexo 9

Guião da campanha publicitária “Diz NÃO à violência no namoro”

Selena: No início tudo é perfeito!

Jovem A: Os passeios, os presentes e as longas trocas de mensagens pela noite dentro!

Selena: Ele é perfeito!

Jovem N: Mas depois... Tudo muda!

Jovem M: Ele começa a controlar-te.

Jovem G: As mensagens que ele manda já não são de carinho, mas sim de controlo!

Shakira: Onde estás?

Jovem D: Com quem estás?

Jovem N: O que estás a fazer?

Jovem C: Até com as roupas que vestes ele vai implicar.

Jovem P: Que amor é esse?!

Jovem J: Isso não é amor!

Jovem A: Isso é controlo!

Jovem P: É violência!

Selena: (em silêncio olha para o chão)

Jovem F: Não te deixes iludir por algumas palavras de carinho.

Jovem D: Vais a tempo de mudar!

Jovem J: Procura ajuda e liberta-te dessa situação!

Jovem M: Ele não te ama!

Jovem G: Isso não é amor, é violência!

Jovem N: Acaba com isso antes que chegue à violência física.

Selena: O primeiro estalo... Mas eu sei que foi o primeiro e único.

Jovem G: E pode ser o primeiro de muitos!

Jovem F: Acaba com isso antes que seja tarde demais!

Jovem L: Antes que sejas a próxima vítima a ser capa de jornal!

Jovem J: Diz NÃO a qualquer tipo de violência no namoro!

Final:

Marlene: O Instituto Madre Matilde diz NÃO à violência no namoro!

Todos mostram a mão onde estará escrito a palavra “não”.

.

Anexo 10

Sessão dinamizada pela técnica da APAV do Porto sobre a violência no namoro



Imagem 12. Sessão sobre a violência no namoro

Anexo 11

Cartaz de divulgação da caminhada “Quebre o silêncio”

Percurso pela Marginal
Início: Casino Póvoa de Varzim
Fim: Nautico Bar

Caminhada pela Mulher
Objetivo;
- Alertar para a violência contra a mulher.

ROMPENDO O SILENCIO
UM BASTA NA VIOLENCIA DOMÉSTICA

JUNTE-SE A LUTA

Presença especial de Vânia Sá (SSS)

Aula de Zumba
GRATUITA (Final)
Prof. Luísa Gilvaia "Miúdos e Graúdos"

Use uma camisola branca ou rosa e junte-se a nós!

Ponto de Encontro:
19h15 - Casino da Póvoa de Varzim

Organização:
Dra. Marlene Vale
Criminóloga estagiária no Instituto Mãe Matilde

Legenda. Cartaz de divulgação da caminhada

Anexo 12

Fotografias da caminhada “Quebre o silêncio”



Imagem 1.

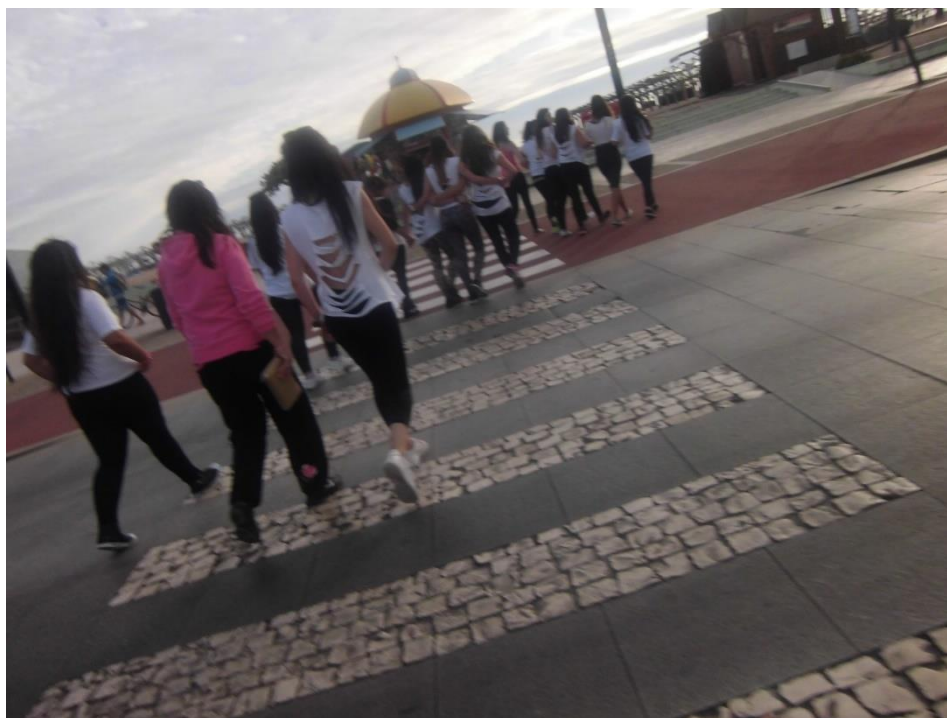


Imagem 2.



Imagem 3.



Imagem 4.



Imagem 5.



Imagem 6.

Notícia da revista TVGUIA sobre a caminhada realizada com as jovens



REALITY SHOW

SECRET STORY 5

Vânia mantém o sorriso mesmo quando recorda o seu passado negro com o "ex".



A concorrente foi convidada pela criminóloga Marlene Vale (à dir.) a participar na Caminhada pela Mulher. As jovens adoraram conhecê-la!

ROMPENDO O SILENCIO

COM BASTA DE FORÇA DOMESTICA

UNITE-SE ALUTA

Auto de Zúlcara (Final)

GRATUITA

Prof. Lúcia Oliveira "Mitos e Crêdores"

Um livro sobre a violência doméstica

VÂNIA DÁ O EXEMPLO A JOVENS CARENCIADAS

COMBATE À VIOLÊNCIA

Alertar adolescentes para os maus-tratos no namoro é o objectivo da ex-residente da Casa 5, que tem sido convidada para várias iniciativas

TEXTO FILIPA ROSA | FOTOS D.R.

Desde que expôs a sua história de vida ao participar na quinta edição da *Casa dos Segredos*, Vânia tem sido convidada a participar em várias iniciativas da luta contra a violência doméstica. Este mês, a ex-concorrente do reality show da TVI foi visitar o Instituto Madre Matilde, na Póvoa de Varzim, que acolhe jovens carentiadas. A iniciativa foi organizada pela criminóloga Marlene Vale. "Adorei receber mais um convite. Fizemos uma caminhada pelo combate à violência. Fiquei chocada, é uma realidade completamente diferente... São jovens muito carentiadas, que são retiradas aos pais ou ali abandonadas por falta de condições económicas", revela à TV Guia Vânia, que alertou o grupo de adolescentes sobre os maus-tratos no namoro. "Muitas delas são maltratadas pelo pai ou padrasto alcoólicos e tornam-se miúdas muito carentes. São tão envergonhadas! Fogem muitas vezes da institui-

ção e depois são resgatadas pela Polícia. O refúgio nos namorados é comum, mas a violência física e psicológica pode voltar a surgir", diz-nos aquela que foi acompanhada pela mãe. Felicidade nunca soube do passado negro da filha. Só descobriu quando a jovem concorreu à *Casa dos Segredos*. "Sei que é muito difícil para ela recordar o que sofreu, mas é de louvar a sua atitude. Está sempre pronta a ajudar outras mulheres", conta-nos a progenitora, que ainda fica chocada com as recordações da filha. "Ela relata acontecimentos absolutamente desumanos. Sempre detestei aquele rapaz. Tinham uma relação atribulada, cheia de discussões." Mas Felicidade nunca desconfiou de nada. "Ele obrigava-a a mentir-me. Ela chegava a casa com nódoas negras e dizia que tinha caído. Uma vez apareceu com o olho em sangue e disse-me que era picadela de mosquito!", recorda, tristemente.

16TV Guia

Legenda. Notícia publicada